

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

Janaína Cristina Barêa

**A exposição de aparelhos de Psicologia dos anos 1950 e sua
contribuição para o ensino de História da Psicologia no Brasil**

MESTRADO EM PSICOLOGIA SOCIAL

SÃO PAULO

2009

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

Janaína Cristina Barêa

**A exposição de aparelhos de Psicologia dos anos 1950 e sua
contribuição para o ensino de História da Psicologia no Brasil**

MESTRADO EM PSICOLOGIA SOCIAL

Dissertação apresentada à Banca Examinadora como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em Psicologia Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, sob a orientação da Profa. Doutora Maria do Carmo Guedes.

SÃO PAULO

2009

Banca Examinadora

À memória de Pe. João Modesti
que deixou um grande
presente para história.

AGRADECIMENTOS

Muitas pessoas participaram da construção desta pesquisa, direta ou indiretamente. Deixo aqui registrado minha gratidão e carinho.

À doutora Maria do Carmo Guedes, que orientou esta pesquisa e contribuiu significativamente na sua realização.

Às doutoras que aceitaram o convite para compor a banca examinadora desta pesquisa, Mitsuko Aparecida Makino Antunes e Marília Xavier Cury, que mais do que banca, formam grandes companheiras durante o processo de construção desta pesquisa.

Ao Padre João Modesti, que nos confiou algo tão precioso de sua história e da História da Psicologia brasileira.

Ao Núcleo de História da PUC-SP, aos pesquisadores do Centro de Documentação e Pesquisa Helena Antipoff, aos colegas e professores da pós-graduação da PUC-SP, que acompanharam os percursos da pesquisa e também contribuíram na sua construção.

Às instituições que receberam as Exposições e seus visitantes, parceiros e principais atores desta pesquisa.

Aos meus pais, familiares, namorado e amigos que participaram desse processo, me incentivando, me entendendo e me colhendo nos momentos de insegurança e ausências.

A todos que nos acompanharam a construção deste trabalho novamente
meu muito obrigada.

“História da Psicologia

Tempo bem aproveitado
este que faz a costura
entre amanhã e passado.

Acertos e erros
devidamente notados
são degrau seguro
onde apoiar o futuro.

É do chão e das raízes
que se projetam os galhos.
É do caminho trilhado
que nascem novos rumos.
É no reconhecimento de
rostos e gestos humanos
por trás das tentativas
que se descobre a coragem
de abrir novas estradas.

O tempo que se projeta
nasceu bem antes do hoje
e passa muito ligeiro
acumulando esforços
de antigos, às vezes desconhecidos,
sempre bravos companheiros.”

(Ana Lúcia Cortegoso, 2001)

BARÊA, Janaína Cristina. **A exposição de aparelhos de Psicologia dos anos 1950 e sua contribuição para o ensino de História da Psicologia no Brasil**. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação de Psicologia Social da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008. 148p.

Resumo

Os 17 aparelhos que se encontraram sob o cuidado do Núcleo de Estudos em História da Psicologia da PUC-SP (NEHPSI) foram doados, em 2004, por Pe. Salesiano João Modesti, de Araras – SP. Seu achado resulta da pesquisa de doutorado de Iolanda Brandão sobre “Os Salesianos na Psicologia Brasileira”, defendida no Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Social dessa Universidade. Trazidos da Itália no início dos anos 1950, os aparelhos eram então utilizados para ensino, pesquisa e prestação de serviços psicotécnicos.

Depois de uma primeira exposição realizada na PUC-SP, o NEHPSI tem sido convidado a repeti-la em instituições de ensino e profissionais, tendo realizado exposições na UNICAMP, na Universidade São Marcos, na Universidade Federal de São João del Rei, na PUC/Minas, Campus Poços de Caldas, no Conselho Regional de Psicologia 3ª Região – Bahia e Sergipe e no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. Registros de observação assistemática são aqui analisados apenas para ilustrar a participação efetiva dos visitantes ao entrarem em contato com os aparelhos.

O objetivo desta pesquisa é verificar se a exposição dos aparelhos, juntamente com outros documentos do período, pode ser um recurso para o ensino de história da psicologia do Brasil. Um recorte especial (sete aparelhos para medida de inteligência) foi feito para isso, com duas Exposições (alunos do curso de graduação em psicologia da PUC-SP e de pedagogia da Faculdade Oswaldo Cruz) com questionários especialmente elaborados para os visitantes. Os resultados mostram que a Exposição constrói conhecimento e além de interessante, pode ser um recurso para o ensino de História da Psicologia.

Palavras-chave: Ensino de História da Psicologia; Laboratórios de Psicologia; Salesianos.

BARÊA, Janaína Cristina. **The exposure apparatus of Psychology of the 1950 and its contribution to the teaching of History of Psychology in Brazil.** Masters dissertation submitted to the Graduate Program in Social Psychology from the Catholic University of São Paulo, São Paulo, 2008. 148p.

Abstract

The 17 apparatus that were under the care of the Nucleus of Studies in History of the Psychology of the PUC-SP (NEHPSI) were donated, in 2004, by priest Salesiano João Modesti, of Araras – SP. His find turns from the inquiry of doctorate of Iolanda Brandão on “The Salesianos in the Brazilian Psychology”, defended in the Program of Postgraduate Studies in Social Psychology of this University. Brought of Italy in the beginning of the 1950 years, them apparatus were used then for teaching, inquiry and installment of psychotechnic services.

After a first exhibition carried out in the PUC-SP, the NEHPSI he has been a guest to repeat it in institutions of teaching and professionals, having carried out exhibitions in the UNICAMP, in the University São Marcos, in the Federal University of São João del Rei, in the PUC/Minas, Campus Poços de Caldas, in the Regional Council of 3rd Psychology Region – Bahia and Sergipe and in the Institute of Psychology of the University of São Paulo. Registers of observation not organized are analysed here only to illustrate the effective participation of the visitors while getting in touch with the apparatus.

The objective of this inquiry is to check if the exhibition of the apparatus, together with other documents of the period, can be a resource for the teaching of history of the psychology of Brazil. A special cutting out (seven apparatus for measure of intelligence) was done for that, with two Exhibitions (pupils of the degree course in psychology of the PUC-SP and of pedagogy of the Faculty Oswaldo Cruz) with questionnaires specially prepared for the visitors. The results show that the Exhibition builds knowledge and besides interesting, it can be a resource for the teaching of History of the Psychology.

Keywords: Teaching of History of the Psychology; Laboratories of Psychology; Salesianos

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1. PSICOLOGIA NO BRASIL NOS ANOS 1950	18
1.1. Os Laboratórios.....	23
1.2. Contribuição dos salesianos à implantação de laboratórios no país...	31
2. EXPOSIÇÃO E CONSTRUÇÃO DE CONHECIMENTO: O PROBLEMA DE PESQUISA....	36
3. MÉTODO.....	42
3.1. Os aparelhos que compõem o acervo do NEHPSI.....	42
3.2. Exposições realizadas anteriormente à pesquisa.....	47
4. RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	56
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	85
REFERÊNCIAS.....	88
Bibliográficas.....	88
Eletrônicas.....	92
ANEXOS.....	94

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem por objetivo verificar se a exposição do acervo de aparelhos que pertenceram a um Laboratório de Psicologia da década de 1950 e outros documentos do período pode ser um recurso para o ensino de história da psicologia do Brasil. À época, os aparelhos eram utilizados para ensino de psicologia experimental ou pesquisas e prestação de serviços psicotécnicos.

Os aparelhos em exposição fazem parte hoje do acervo do Núcleo de Estudos em História da Psicologia da PUC-SP (NEHPSI) e foram doados, em 2004, por Pe. Salesiano João Modesti, de Araras – SP. Seu achado resulta da pesquisa de doutorado de Iolanda Brandão sobre “Os Salesianos na Psicologia Brasileira”, defendida no Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Social dessa Universidade.

Os 17 aparelhos que se encontram sob cuidado do NEHPSI vieram da Itália no início da década de 1950, trazidos pelo próprio Pe. João Modesti e utilizados por ele no ensino de técnicas de observação e interpretação para estudantes de pedagogia e em cursos para profissionais das áreas de Educação e Psicologia do Trabalho. (Conforme entrevista à pesquisadora)

A aquisição dos aparelhos por uma instituição católica pode ser conseqüência de legislação papal de 1941, na qual a Igreja Católica prescrevia o ensino obrigatório de Psicologia Experimental nos cursos de Filosofia. Universidades Católicas brasileiras, como a de São Paulo, a de Campinas, a de São João Del Rey e a de Lorena trouxeram então, direto do Instituto de

Psicologia de A. Gemelli, muitos equipamentos para medidas psicométricas e psicofísicas. (GUEDES, 2002)

Depois de uma primeira exposição realizada na PUC-SP, em 2004, o NEHPSI tem sido convidado a repeti-la em instituições de ensino e profissionais, tendo realizado exposições, na UNICAMP, na Universidade São Marcos, na Universidade Federal de São João del Rei, na PUC/Minas, Campus Poços de Caldas, no Conselho Regional de Psicologia 3ª Região – Bahia e Sergipe, no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo e na Faculdade Oswaldo Cruz. Participando dessa experiência desde a primeira exposição, tive a oportunidade de aferir o quão importante seria para o ensino e difusão da História da Psicologia no Brasil se fosse planejada para isso.

Ao longo de sua história, a experiência humana tem produzido e acumulado grande número de registros que a testemunham e indicam os caminhos trilhados, possibilitando seu conhecimento e avaliação. Esses registros da atividade humana constituem o que chamamos de documento, definido tecnicamente como o conjunto da informação e seu suporte. Para Le Goff (2003), os documentos são provas históricas, produtos da sociedade, resultados de um processo, frutos das relações de forças que detinham o poder em uma época.

Este trabalho está sendo desenvolvido dentro da proposta da historiografia da ciência, na abrangência que se pretende à historiografia da psicologia, com a intenção de atender a um novo desafio: estudar as relações entre o conhecimento psicológico e a sociedade, ou melhor, compreender a psicologia em sua historicidade.

Nenhuma época histórica é, em absoluto, apenas uma passagem para outro estágio, assim como nenhuma época se eleva acima da história. A tridimensionalidade do tempo se desenvolve em todas as épocas: agarra-se ao passado com seus pressupostos, tende para o futuro com suas conseqüências e está radicada no presente por sua estrutura. (KOSIK, 1976, p.217.)

Segundo Brožek e Massimi (1998), os historiadores da Psicologia têm duas tarefas para difundir a História da Psicologia no Brasil. Uma é batalhar para a disciplina se tornar parte do currículo das Universidades e a outra é elaborar métodos, técnicas e instrumentos para o ensino da História da Psicologia no Brasil. Penso que este trabalho poderá contribuir com o segundo desafio posto pelos autores, ao refletir sobre o recurso da exposição como uma forma de ensinar história.

Atualmente, o estudo de história parece ter perdido seu valor, devido a mudanças políticas e econômicas que buscam o avanço e visam o futuro. Nesse contexto, aparentemente, o passado não tem lugar.

Hoje se sabe que estudar história, interpretá-la, ensiná-la não é tão fácil como parecia, um mero instrumento da propaganda ideológica ou revolução. Porém no lugar da utopia abandonada parece ter ficado um vazio. (PINSKY e PINSKY, 2008, p.18)

Massimi (1996) também atenta para esta problemática e acredita que a compreensão da dimensão histórica de qualquer área do saber, bem como o ensino de História, são atualmente uma tarefa árdua e ao mesmo tempo urgente, pois o clima sociocultural do momento facilita o esquecimento ou a “censura da memória”, ou seja, um esvaziamento da consciência da identidade cultural e, conseqüentemente, uma diminuição da capacidade crítica.

Ensinar história é fazer uma opção política. Segundo Karnal (2008), é assumir um compromisso com a sociedade e acreditar na mudança. O desafio do professor de história hoje está em ter clareza e conhecimento das cobranças do mundo atual, compreendendo o contexto sem necessariamente aderir a ele. Uma história adequada aos novos tempos, segundo Pinsky e Pinsky (2008), é uma história “rica de conteúdo, socialmente responsável e sem ingenuidade e nostalgia”. (p. 19) Os professores da disciplina de história, dizem ainda os autores, devem ter consciência de sua responsabilidade para com a sociedade, facilitando aos estudantes a compreensão e transformação da realidade. Não é apenas informar estudantes, mas formá-los enquanto cidadãos agentes de mudança.

Para Pinsky e Pinsky (2008), o potencial transformador da história está na possibilidade de “inclusão histórica”, na qual o sujeito tem que se perceber enquanto ser social, localizado em um dado tempo e espaço, perceber-se como parte da história. A garantia de uma boa aula de história estaria, então, no compromisso com o passado e com o presente.

Para Hobsbawn (1998):

Ser membro de uma comunidade humana é situar-se em relação ao seu passado (ou da comunidade), ainda que apenas para rejeitá-lo. O passado é, portanto, uma dimensão permanente da consciência humana, um componente inevitável das instituições, valores e outros padrões da sociedade humana. O problema para os historiadores é analisar a natureza desse “sentido do passado” na sociedade e localizar suas mudanças e transformações. (p.22)

No caso do ensino de História da Psicologia, Antunes (1998) atenta para a importância da História da Psicologia não ser realizada apenas como

sistematização cronológica, pois tem o compromisso de estabelecer relações com outros conhecimentos. Segundo a autora, a necessidade de se fazer História da Psicologia está na busca por compreender a Psicologia enquanto conhecimento e conhecimento como produção social e histórica, determinada e determinante no contexto do qual participa.

Para alcançarmos alguma compreensão histórica da Psicologia é preciso uma compreensão das relações sociais que ela estabelece com outros movimentos históricos que, de alguma forma, caracterizam um dado período em seus aspectos intelectuais e culturais. Para se estudar história é preciso conhecer os fatores conjunturais e estruturais existentes no momento histórico, bem como as ideologias, os valores, representações e idéias que nele são veiculadas, o *zeitgeist* da época. (ANTUNES, 1998)

Para compreender e transformar a realidade da Psicologia brasileira é preciso conhecer sua história. Compartilho com Wertheimer (1998), a importância da História da Psicologia:

A história da psicologia pode nos ajudar a descobrir grandes idéias do passado. Pode nos ajudar a concentrar nossa atenção sobre as questões abrangentes e fundamentais às quais deveríamos estar direcionando nossos esforços. Mais importante ainda, pode nos ajudar a tomar consciência do contexto social em que trabalhamos, e nos tornar menos sujeitos à influência irracional. Pode servir para integrar o que se tornou um campo bastante fragmentado. Finalmente, pode transformar-se no grande libertador, no meio que nos tirará da cega aceitação da sutil, insidiosa e muitas vezes poderosa *Selbstverständlichkeiten* [certezas de um dado momento histórico] que compõe o *Zeitgeist* [ideologias, valores, representações e idéias de um contexto sócio-histórico] dentro do qual nós trabalhamos. (WERTHEIMER, 1998, p.39)

De acordo com Loureiro e Baptista (2007), é recente a inclusão da disciplina da História da Psicologia nos currículos de cursos de graduação em Psicologia no Brasil, currículos estes que, segundo Gomes (1996), privilegiam a atuação profissional e não cuidam do ensino dos fundamentos da Psicologia, muitas vezes apresentando seus conteúdos de forma descontextualizada de sua etimologia e historicidade. Ainda para este autor, o conhecimento histórico pode ser um eficaz e interessante modo de introduzir conceitual e metodologicamente a Psicologia.

Os caminhos e descaminhos da história ilustram a emoção e a aventura de se fazer ciência, clarificam raízes conceituais e identificam matrizes que servem como metateorias reguladoras. Além disso, desvelam os desafios sociais que serviram para estimular ou inibir o desenvolvimento de teorias e práticas nos diversos períodos históricos. (GOMES, 1996, p.149-150)

Figueiredo (2006) entende a disciplina de História da Psicologia como formadora e com o objetivo, dentre outros, de enfrentar possíveis preconceitos existentes nos estudantes de Psicologia quanto a algumas tendências e visões estreitas dessa ciência. Para ele, o conhecimento da História da Psicologia é indispensável na formação do psicólogo, apesar das várias formas de se fazer e pensar a História da Psicologia e de haver várias histórias e várias formas de narrá-las, tendo por foco teorias, conceitos, abordagens e suas relações.

Há diferenças no fazer história e no ensinar história, para Loureiro e Baptista (2007), e quem se propõe a ensiná-la deve ter clareza de suas determinações, do propósito didático e das limitações do tempo que acabam incidindo nos cortes, ênfases e no percurso da história a ser ensinada.

Mas, o “fazer histórico” é mutável, assim como a ação pedagógica. Segundo Karnal (2008), o ensino da história está submetido a pelo menos duas transformações. A primeira é quanto ao objeto de estudo que está sempre sendo revisto de acordo com as mudanças sociais e as produções de conhecimento. A segunda é quanto à ação pedagógica, que também sofre constantes transformações, pois mudam seus agentes, professores, alunos e até mesmo as instituições de ensino e isso interfere no processo ensino-aprendizagem.

A mudança do ensino de História não deve ser apenas na inovação tecnológica, utilizada para modernizar o ensino, mas sim na concepção de História, na postura do professor/historiador. De acordo com Karnal (2008), é possível dar uma aula de história extremamente conservadora e ultrapassada utilizando recursos tecnológicos de última geração.

No caso do ensino superior, Darcy Ribeiro (1969) alerta para mudanças de postura e conteúdo da Universidade que ele chamará de necessária ao país. Posteriormente, em 1973, o autor reafirma a mudança de postura, defendendo o que chama de “revolução pedagógica”. O autor trata do compromisso da Universidade em participar da transformação social, por meio da criação de novas formas de produzir e de vivenciar conhecimentos. Existem outras formas de aprender, alerta, que não só ler, discutir textos e assistir aulas.

As exposições de documentos históricos, segundo Possamai (2000), são grandes laboratórios de construção de conhecimento e podem possibilitar a formação de indivíduos com uma maior compreensão do contexto no qual

estão inseridos, mais críticos e mais comprometidos e motivados a atuar na sociedade. Mas, a exposição não deve ter a tarefa “mostrar” a história, e sim ter o compromisso crítico de produzir conhecimento.

A exposição sobre um momento da História da Psicologia no país na década de 1950 e suas produções, protagonizada por aparelhos que compuseram um laboratório de Psicologia, pretende estar comprometida socialmente com a ciência da Psicologia e sua profissão, através da difusão do conhecimento psicológico e promoção de uma reflexão sobre um período determinado e sobre a ciência então produzida. A exposição não só para pessoas da área, mas também outros interessados no assunto.

Inspirada na proposta de Darcy Ribeiro (1973), sobre a contribuição da Universidade para participar da transformação social da sociedade, esta exposição terá a preocupação de criar nova forma de produzir e de vivenciar conhecimentos.

Segundo Cury (2005), no processo de recepção de mensagens de uma exposição, na intermediação entre emissor e receptor, exposição e visitante, acontece a re-significação de vivências de um sujeito e se produz conhecimento e valores.

Pensar novos recursos para o ensino de História da Psicologia, de acordo com Brožek e Massimi (1998), como já mencionado, é uma das tarefas dos historiadores da psicologia. Assim, a principal questão desta pesquisa é: será que as exposições promovidas pelo NEHPSI PUC-SP, dos aparelhos que pertenceram a um laboratório de Psicologia na década de 1950, podem ser um recurso para o ensino de História da Psicologia?

1. PSICOLOGIA NO BRASIL NOS ANOS 1950

Para compreendermos o cenário em que chegaram ao Brasil os aparelhos que integram a exposição em estudo, uma delimitação do período é necessária.

Para Antunes (2004), os anos 1950 pertencem a um período muito importante para a história da Psicologia brasileira, caracterizado pela “consolidação da Psicologia como ciência e como profissão”.

Da última década do século XIX até a terceira do século XX, a Psicologia alcançou sua autonomia em relação a outras áreas do conhecimento, como a Educação e a Medicina, o que a tornou uma ciência independente e integrada com a sociedade, tanto pela produção teórica e por sua prática, quanto pelo fortalecimento de técnicas aplicáveis a situações mais amplas que a própria ciência. (ANTUNES, 2007)

Na década de 1930, sua independência como ciência já conquistada, a Psicologia inicia seu processo de luta pela regulamentação da profissão, já que os campos de atuação dos profissionais dessa área começam a ser delimitados, o que futuramente corresponderá aos campos de atuação clássicos desta ciência (Saúde, Educação e Trabalho). (ANTUNES, 2007)

A Psicologia só foi introduzida no meio acadêmico brasileiro no início do século XX com a Reforma Benjamin Constant, mais especificamente em 1890, que transformou a disciplina Filosofia em Psicologia e Lógica. A Psicologia era desenvolvida também nos Laboratórios das Escolas Normais e de alguns Hospitais Psiquiátricos e nos primeiros institutos de seleção e orientação profissional. (TAVERNA, 1997)

Segundo Antunes (2007), a Medicina, durante o final do século XIX e início do século XX, contribuiu muito para o desenvolvimento da Psicologia no Brasil, em especial com a criação dos Laboratórios de Psicologia, principalmente dentro dos hospitais psiquiátricos, que foram locais de produção de pesquisa do pensamento psicológico, que auxiliavam a ciência médica da Psiquiatria. Não só nos Laboratórios, neste período, o pensamento psicológico também estava presente nas Faculdades de Medicina em produções de teses de doutorado.

Mesmo com a contribuição importante da Medicina, a Educação foi a base para a autonomia da Psicologia no Brasil, de acordo com Antunes (2007), principalmente no início do século XX, dando sustentação à Pedagogia, que necessitava de ciências afins para fundamentar, subsidiar e orientar as ações educativas. A Psicologia estava presente nas Escolas Normais, nos Institutos e seus laboratórios e em produções intelectuais da época. Principalmente nos estados de Minas Gerais e São Paulo, puderam ser constatados grandes investimentos no campo da Psicologia, com a criação de cursos e laboratórios e a contratação de psicólogos estrangeiros para ministrá-los e administrá-los.

Foi no século XX, nas décadas de 20 e 30, que aconteceram as primeiras experiências do pensamento psicológico no campo do Trabalho, contribuindo principalmente com a Psicotécnica no projeto de modernização do processo produtivo brasileiro. A Psicologia, assim como outras ciências, sofria forte influência do pensamento taylorista, muito presente no período, que “buscava o homem certo para o lugar certo”. (ANTUNES, 2007)

Segundo Taverna (1999), a década de 1940 foi marcada na História da Psicologia pela criação de vários cursos com o conteúdo psicológico em seus

currículos, parte referente à seleção de pessoal, especialistas em Psicologia Clínica, Educacional e Aplicada ao Trabalho.

Já havia uma farta produção de pesquisa e surgiram instituições específicas para a aplicação da Psicologia no mundo social como, por exemplo, o IDORT (Instituto de Organização Racional do Trabalho) em 1931, em São Paulo, o ISOP (Instituto de Seleção e Orientação Profissional), em 1947, no Rio de Janeiro, o SOSP (Serviço de Orientação e Seleção Profissional), em 1949, no estado de Minas Gerais e, mais tardiamente, o IDOV (Instituto de Orientação Vocacional), em 1959, na Universidade da Bahia.

Essas organizações tinham por objetivo básico contribuir para o ajustamento entre trabalhador e trabalho, estudando as aptidões e vocações dos trabalhadores, os requisitos psicofisiológicos do trabalho. Dedicaram-se à aplicação das técnicas de seleção e orientação profissional, à promoção de cursos com o objetivo de treinar e formar pessoal no campo da psicotécnica e à execução de investigações e pesquisas no campo da ciência do trabalho. (ANTUNES, 2007; MOTTA, 2004; TAVERNA, 1999; RAPOLD, 2003; site IDORT, 2009).

Vale a pena registrar que durante o período de 47 a 50, o Brasil apresentou um crescimento econômico expressivo, com o crescimento do PIB (Produto Interno Bruto), porém, embora os salários tenham aumentado, o custo de vida também aumentou, diminuindo o poder aquisitivo do trabalhador brasileiro. (FAUSTO, 1995)

Conforme Taverna (1997), a década de 1950 teve por marco na História da Psicologia um grande movimento para formação e regulamentação da

profissão de psicólogo. O governo de Juscelino foi um “terreno fértil” para o desenvolvimento da Psicologia, já que demonstrou grandes índices de desenvolvimento econômico.

Após o suicídio de Getúlio Vargas em 1954 e da rápida passagem do vice Café Filho pelo poder, em 1955, Juscelino Kubitschek foi eleito à presidência da república brasileira. Para Fausto (1995), a política econômica do governo de Juscelino foi definida em seu programa de metas, “50 anos em 5”. Este programa possuía 31 objetivos, distribuídos em seis grandes grupos (energia, transporte, indústrias de base, educação, alimentação e a construção de Brasília).

Em 1951 se iniciam os trâmites de regulamentação da profissão do psicólogo, momento de articulação de grandes personagens da história da psicologia brasileira, que em quatro grandes organizações protagonizaram esse movimento favorecendo os trâmites do anteprojeto de lei: a Sociedade Brasileira de Psicologia, a Associação Brasileira de Psicotécnica (Psicologia Aplicada), a Associação Brasileira de Psicólogos e a Associação Paulista de Psicologia. (TAVERNA, 1999)

O reconhecimento do pensamento psicológico e de sua aplicação na sociedade brasileira culminou na regulamentação da profissão e da criação de cursos de formação do psicólogo, em 1962, quando é publicada a Lei 4.119 de 27 de agosto.

O modelo da época era o nacional-desenvolvimentista, que visava o desenvolvimento da educação a serviço do desenvolvimento econômico. A

formação do psicólogo se dava de forma fragmentada, não havendo conexão entre os cursos da área básica de teoria e pesquisa e os de área prática.

Foi nesse cenário, durante o processo de regulamentação da profissão dos psicólogos, ou psicologistas, como eram denominados antes da regulamentação, que os aparelhos usados por Pe. Modesti chegaram ao Brasil e serviram à seleção e orientação de manobristas e trabalhadores nas indústrias que se instalavam no Vale do Paraíba e, posteriormente, na região de Americana. Como esse, os serviços prestados então por laboratórios como o do Pe. Modesti foram essenciais à época.

1.1 Os Laboratórios

De acordo com Massimi (2005), o final do século XIX e início do século XX foram marcados pela modernização do país.

De fato, na busca de transformar o Brasil em nação ocidental moderna, o passado colonial é encarado negativamente e o futuro é concebido como adequação a modelos que, num enfoque positivista do processo histórico, aparecem como mais evoluídos. Neste sentido, também a criação dos primeiros laboratórios no início do século XX parece acompanhar esse movimento voltado a criar no Brasil uma ciência do homem segundo métodos e objetivos sugeridos pelo cenário cultural e social internacional. (MASSIMI, 2005, p.167)

Os primeiros Laboratórios de Psicologia no Brasil existiram em instituições médicas e de ensino. Segundo Pfromm Netto (1981), foram criados junto às escolas de ensino normal e elementar e hospitais psiquiátricos.

A criação de boa parte dos Laboratórios de Psicologia em Escolas Normais teve relação com as Reformas Estaduais de Educação dos anos 1920, feitas pelos primeiros profissionais de Educação do país, dentre eles alguns pioneiros da Psicologia brasileira. As reformas seguiam os princípios da Escola Nova e tinham a Psicologia como sustentação para a prática educacional. Eram estudados o processo de aprendizagem, a relação entre professor e aluno, o desenvolvimento infantil e dava-se início à utilização de técnicas da psicologia como testes psicológicos e pedagógicos, instrumentos da prática pedagógica. (ANTUNES, 2004)

Os Laboratórios de Psicologia também existiram em Instituições Médicas Psiquiátricas no começo do século XX. Muitas das produções de

conhecimentos psicológicos foram realizadas nos laboratórios dos hospícios da época e esses conhecimentos tinham por finalidade apenas auxiliar a área Médica.

Em 1906 foi criado o primeiro laboratório de Psicologia no Brasil, no Rio de Janeiro, e funcionou no *Pedagogium*, instituição idealizada por Ruy Barbosa em 1890 e que tinha por objetivo ser um centro de pesquisas e realizações educacionais. O primeiro Laboratório de Psicologia brasileiro, idealizado por Joaquim Medeiros e Albuquerque, foi planejado em Paris por Binet e contou com a colaboração e direção de Manoel Bomfim (ANTUNES, 2007, 2004 e PFROMM NETO, 1981). Não existem registros dos trabalhos realizados nesse laboratório, porém é possível encontrar, nos textos produzidos por Manoel Bomfim, referências às pesquisas lá desenvolvidas juntamente com críticas aos estudos realizados em laboratórios. Segundo Antunes (2007), para Manoel Bomfim esses estudos não apreendiam a complexidade e as múltiplas determinações do fenômeno psicológico devido às condições restritas e artificiais desses espaços.

Foi inaugurado, em 1907, no Hospital Nacional de Alienados, no Rio de Janeiro, o segundo Laboratório de Psicologia, dirigido por Maurício Campos de Medeiros e pensado por George Dumas. (ANTUNES, 2004) Outro Laboratório foi criado no mesmo período, junto à cátedra de Psiquiatria da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, fundado por Henrique Roxo (MASSIMI, 2005)

De acordo com Massimi (2005), ainda no Rio de Janeiro e próximo ao ano de 1907, foi fundado o Laboratório de Fisiologia mantido pelos irmãos

Miguel, Álvaro e Branca Osório, estudiosos de psicofisiologia e fisiologia nervosa.

Em 1909, na cidade de Amparo, interior do estado de São Paulo, Clemente Quaglio criou, junto à Escola Rangel Pestana um Gabinete de Psicologia Experimental. (MASSIMI, 2005),

O Laboratório da Psicologia da Escola Normal de São Paulo foi idealizado, de acordo com Pfromm Neto (1981), por Clemente Quaglio e fundado em 1912. Em 1914 o Laboratório foi reorganizado, ampliado e dirigido, durante a gestão de Oscar Thompson, pelo médico e pedagogo italiano Ugo Pizzolli. Segundo Antunes (2004), lá foram produzidas muitas pesquisas que tratavam de: atenção, memória, grafismo, tempo de reação, raciocínio infantil, tipos intelectuais, associação de idéias, antropometria e outros assuntos relacionados a Psicologia e a Pedagogia Experimental. Dentre os aparelhos que compunham o Laboratório de Psicologia da Escola Normal de São Paulo estavam: “anthropômetro, espirômetro, estesiômetros, ergógrafos, optômetro, thermoesthesioscópios, chimógrafo, miosthesioscópio, goniômetro” (PIZZOLI, 1914).

A Escola Normal de São Paulo foi uma das instituições responsáveis pelo desenvolvimento da Psicologia no Brasil. Essa relevância se deu devido a suas atividades de ensino na área, cursos ministrados por reconhecidos psicólogos estrangeiros, por ter sido a base para a disciplina de Psicologia Educacional do curso de Pedagogia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo e pelas pesquisas realizadas em seu Laboratório de Psicologia. (ANTUNES, 2004)

Outro Laboratório de grande importância para História da Psicologia brasileira foi criado em 1923, por Gustavo Riedel, na Colônia de Psicopatas do Engenho de Dentro e dirigido, a partir de 1924, pelo psicólogo polonês Waclaw Radecki. A aparelhagem que compunha o Laboratório foi comprada das empresas Zimmermann, de Leipzig, e Boullitte, de Paris, e era formada por estesiômetros, ergógrafos, dinamômetros, reflexômetros, acusiômetros, tonômetros, tropoestesiômetros, cromatoestesiômetros, taquistoscópios, mnemômetros, polígrafos, oscilômetros dentre outros. (CENTOFANTI, 1982)

De acordo com Antunes (2004), nesse laboratório foram realizados estudos que tratavam de várias temáticas da Psicologia, como fadiga em trabalhadores menores de idade, psicometria, seleção e orientação profissional, seleção de aviadores, dentre outros. O Laboratório foi também um espaço de formação de pesquisadores e profissionais da área clínica e do trabalho. Segundo Massimi (2005), as pesquisas realizadas nesse laboratório foram publicadas nos *Annaes da Colônia de Psicopatas*, entre 1928 e 1936, e em outras revistas da época.

Tendo sua fundação em 1923, a Liga Brasileira de Higiene Mental também inaugurou um Laboratório de Psicologia, entendendo essa ciência como parte da Psiquiatria. Dirigiram o Laboratório Alfred Fessard, Plínio Olinto e Brasília Leme Lopes. Para a divulgação das pesquisas realizadas no Laboratório foram promovidos os Seminários Brasileiros de Psicologia e as Jornadas Brasileiras de Psicologia. (ANTUNES, 2004)

O Instituto de Higiene de São Paulo, fundado em 1926, parte do movimento higienista¹ da época, na liderança de Geraldo Paula Souza, organizou um grupo de estudiosos desse assunto, porém de diferentes áreas de atuação (médicos, engenheiros e educadores). Desses encontros gerou o Serviço de Inspeção Médico-Escolar, a escola para “deficientes mentais” e a Clínica de Orientação Infantil, em 1938, que foi dirigida pelo médico Durval Marcondes. Este mesmo grupo fundou o Instituto de Desenvolvimento e Organização Racional do Trabalho (Idort) que teve uma grande produção da Psicologia no campo do trabalho.

Existiu em Recife um movimento Psiquiátrico contemporâneo aos ideais higienistas, porém contrário a esses ideais, liderado por Ulysses Pernambucano. Diretor do Hospital de Doenças Nervosas e Mentais do Recife e trabalhando na Assistência a Psicopatas de Pernambuco, Ulysses Pernambucano extinguiu os calabouços e as camisas-de-força dos Hospitais Psiquiátricos e criou Hospitais e Ambulatórios abertos, dentre suas criações está a primeira “Escola para Anormais” do Brasil, hoje assumida pela Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais – Apae, e o Instituto de Seleção e Orientação Profissional – ISOP citado anteriormente.

¹ No início do século XX, as idéias higienistas exerciam forte influência na Medicina em especial na especialidade da Psiquiatria. Esses princípios geralmente mantinham relação com os pressupostos da eugenia e, conseqüentemente com o pensamento racista no Brasil. Esse movimento acreditava na existência de uma hierarquia racial, sendo o branco o superior e o negro o inferior, e dessa crença se fundamenta a teoria da degenerescência, que considerava as raças ditas inferiores mais sujeitas a degenerescência física e mental. O “mau” uso de testes psicológicos contribuiu para legitimar cientificamente esses ideais. (Antunes, 2007)

Em 1929, foi instalado um Laboratório de Psicologia na Escola Normal de Fortaleza, segundo Antunes (2004) e Pfromm Neto (1981), empreendido por Lourenço Filho, personagem importante na História da Psicologia brasileira. O Laboratório visava contribuir com na formação de educadores, sob orientação de T. Simon e Léon Walther. Conforme Antunes (2004), os estudos realizados nesse laboratório contribuíram para que Lourenço Filho continuasse suas pesquisas sobre maturidade para a leitura e a escrita na Escola Normal de Piracicaba, interior do estado de São Paulo.

No final dos anos 1920, no Hospital de Juqueri, fundado por Francisco Franco da Rocha, em 1898, seu sucessor, Antonio Carlos Pacheco e Silva, instala na instituição um Laboratório de Psicologia para o tratamento de doenças mentais. (MASSIMI, 2005)

No estado de Minas Gerais, em 1929, é criada a Escola de Aperfeiçoamento de Professores de Belo Horizonte, instituição de grande relevância nos estudos de Psicologia e Educação no Brasil, sob breve orientação de T. Simon. Anos depois essa instituição se une à Escola Normal e nasce o Instituto de Educação. Neste Instituto, Helena Antipoff, uma pioneira da psicologia brasileira, dirigiu o Laboratório de Psicologia até 1974. (ANTUNES, 2004 e CENTOFANTI, 1982) De acordo com Alkmim (1980), o Laboratório Edouard Claparède, também conhecido como “Laboratório de Dona Helena”, foi criado em 1955 e tornou-se um centro de atendimento psicopedagógico e clínico, onde eram desenvolvidas pesquisas educacionais e sociais voltadas, especialmente, para o desenvolvimento nas áreas rurais.

Nos anos 1930 os Laboratórios de Psicologia passaram a ser incorporados a Universidades. Por exemplo, dois dos grandes Laboratórios de Psicologia do Brasil no século XX: o Laboratório da Escola Normal de São Paulo foi incorporado à USP em 1936 e passou a fazer parte das aulas de Psicologia Educacional, ministrada por Noemi Silveira; e o Laboratório do Engenho de Dentro, em 1937, passou a fazer parte da Universidade do Brasil. Outros laboratórios de Psicologia também foram criados nas Universidades para subsidiar o ensino de Psicologia, que passou a ser obrigatório em 1934, nos cursos de ensino superior em Filosofia, Ciências Sociais e Pedagogia. (PFROMM NETO, 1981)

O termo Laboratório não aparece no campo do trabalho. Entretanto, de acordo com Pfromm Neto (1981), a prática da Psicologia Aplicada existia, nos anos 1940 e 1950, em instituições reconhecidas e algumas já mencionadas - IDORT, ISOP, SOSP e IDOV – que se utilizavam de instrumentos da psicometria e psicofísica, buscando contribuir para o ajustamento entre trabalhador e trabalho (seleção, orientação e treinamento profissional). Nomes que se destacam na História da Psicologia Industrial ou do Trabalho foram: Roberto Mange e Mira y Lopez.

Nos anos 1950 os Laboratórios de Psicologia parecem existir apenas nas Universidades e deram lugar aos Centros, Clínicas e Institutos de Psicologia Aplicada.

Mudanças políticas e administrativas, recursos escassos, falta de estímulo à pesquisa e outras vicissitudes marcaram a história dos nossos primeiros laboratórios. Alguns desapareceram sem deixar vestígios. Outros envelheceram e não houve o cuidado de modernizá-los nem o de conservar seu equipamento antigo, que se desfez ou se perdeu. (PFROMM NETO, 1981, p.156)

É a este tipo de Laboratório que esta pesquisa se refere: aquele que os salesianos importaram em atendimento ao seu projeto no Brasil.

1.2. Contribuição dos salesianos à implantação de laboratórios no país

Como já tratado, antes de sua regulamentação, a Psicologia era estudada e aplicada por médicos, pedagogos, engenheiros, advogados, filósofos, religiosos.

Os primeiros trabalhos no campo filosófico no Brasil, bem como as primeiras discussões em temas de Filosofia Social, segundo Lourenço Filho (1955), devem-se a sacerdotes. Os trabalhos no campo metodológico e experimental foram discutidos por eles, sobretudo, depois de legislação específica da Igreja estabelecida pelo Papa Pio XI. A Psicologia Experimental, após a expedição dessa bula, em 1941, passa a ser ensino obrigatório nos cursos de Filosofia, como complemento aos estudos metafísicos, e como base da Pedagogia, portanto, estudada e discutida pelos educadores católicos, entre eles os salesianos. (LOURENÇO FILHO, 1955)

Fundada pelo padre italiano João Melchior Bosco, a congregação salesiana tem, seguindo seu criador, uma grande preocupação com questões referentes à educação, cuidando de divulgar o sistema educacional salesiano no qual ações educativas apóiam-se em três pilares: razão, amor e religião.

Os salesianos chegaram no Brasil no final do século XIX, tendo por mentor o bispo do Rio de Janeiro. Em 1881, escolhido por D. Bosco, Pe. Lasagna foi designado a inspecionar a obra salesiana no Brasil e no Uruguai. No Brasil, o trabalho deveria obedecer a três importantes metas, que eram apoiadas pelo Papa Pio IX: “1)- ação missionária junto aos indígenas; 2)- apoio e assistência aos imigrantes italianos; 3)- trabalhos com crianças e jovens pobres e abandonados” (BRANDÃO, 2001, p.14). A aplicação destas metas

voltava-se para ações, concomitantemente, junto aos oratórios festivos, às escolas profissionalizantes agrícolas e às casas de assistência; posteriormente e subseqüentemente, dirigiam-se também ao ensino ginásial e colegial em institutos para alunos internos e externos; e, finalmente, ao ensino superior.

Em uma carta localizada no acervo do Centro de Documentação da Faculdade de Psicologia da Universidade Federal de São João del Rei, datada de 22 de novembro de 1953, Pe. Lorenzini, diretor do Instituto de Pedagogia do Pontifício Instituto Ateneu Salesiano de Turim, escreve para o inspetor do Instituto Salesiano São Francisco do Rio de Janeiro. No documento, Pe. Lorenzini conta que estava providenciando um Laboratório de Psicologia Experimental para São João del Rei nos moldes do que seria enviado para instituir o Laboratório da Faculdade de Lorena –SP, através do Pe. João Modesti, em julho de 1954.

Como consta na carta, Pe. Carlos Leôncio da Silva era quem dirigia a Faculdade de Lorena – SP (1953-1968). Pe. Lorenzini escreve que o Laboratório que estava sendo adquirido para Lorena era melhor que o da PUC-SP adquirido em 1949/1950, e que Pe. Leôncio já havia enviado para a Itália, para a compra do Laboratório, cerca de três milhões e meio de liras italianas, o que, segundo Bomfim e Albergaria (2008), equivaleria na época a cinco mil dólares.

Em tese de doutorado sobre a contribuição dos salesianos à Psicologia, Brandão (2006) conta que Pe. João Modesti é o filho mais novo de um casal de imigrantes italianos e nasceu na fazenda de Campo Alto. Aos sete anos de idade, mudou-se com sua família para a cidade de Araras, interior de São

Paulo, em 1927, lá começa a trabalhar de pedreiro para irmãs salesianas. Ensinado por uma das irmãs salesianas, João Modesti entra para o Seminário em Lavrinhas aos dez anos de idade e recebe no dia 8 de dezembro de 1947 seu sacerdócio. Depois do sacerdócio trabalhou em instituições de ensino no interior do Rio de Janeiro como diretor e como professor de matemática, ciências, física, química e filosofia.

Em 1951, Pe. João Modesti é enviado para a cidade de Turim, na Itália, com outros colegas, tendo por objetivo aprimorar seus estudos. De acordo com Brandão (2006), lá conhece o Laboratório de Psicologia no Ateneu Salesiano, onde desenvolveu algumas pesquisas. Obtém licenciatura em Psicologia no ano de 1953 e recebe o título de doutor em 1954, pela Pontifícia Universidade Católica de Roma, sob orientação de Pe. Giacomo Lorenzini.

Em 1954, quando retorna ao Brasil, vai para Lorena, onde ministra a disciplina de Psicologia na Faculdade Salesiana de Filosofia Ciências e Letras de Lorena e dirige o Laboratório de Psicologia Experimental inaugurado em 1954, e, depois, a própria Faculdade. Pe. João Modesti trabalhou também em outras faculdades salesianas no interior de São Paulo, foi professor de Psicologia e de Biologia na de Americana, foi professor dos seminaristas no Instituto Teológicos Pio XI e professor de Psicopatologia e um dos fundadores do Laboratório de Psicologia da Universidade Católica de Campinas. Contribuiu ainda na instalação de diversos Laboratórios no interior do estado de São Paulo, contando com o suporte técnico de Pe. Tetuo Koga², um entendedor da

² O Padre Tetuo é aqui especialmente lembrado porque foi quem nos instruiu no uso dos aparelhos que integram a exposição em estudo.

aparelhagem importada da Europa. São laboratórios utilizados como suporte para ações de ensino, pesquisa e prestação de serviços em estágios de alunos de Pedagogia e mais tarde, depois da regulamentação profissional, nos cursos de Psicologia.

Segundo Brandão (2006), Pe. João Modesti, em 1965, teve a participação direta na instalação do Laboratório de Psicologia da Universidade Católica de Campinas. Mas foi no de Americana, em 1967, também instalado por ele, que Pe. João Modesti desenvolveu algumas de suas pesquisas e estudos.

Além do Laboratório de Campinas e de Americana, nove anos depois, em 1976, Pe. João Modesti colaborou na implantação do Laboratório de Psicologia da Faculdade do Sagrado Coração de Jesus em Bauru. (BRANDÃO, 2006)

De acordo com Brandão (2006), os trabalhos de Pe. João Modesti tiveram como base a Psicologia Experimental. Suas pesquisas e intervenções foram desenvolvidas nos Laboratórios de Psicologia que ajudou a implantar e em um adquirido por ele no início dos anos 1960. São os aparelhos que perteceram ao Pe. João Modesti que se encontram hoje sob responsabilidade do NEHPSI – PUC-SP. Nas palavras de Brandão (2006):

(...) também se tem notícia da existência de algumas peças isoladas em outras instituições, mas nada comparado com o que possuía Pe. Modesti, em sua residência em Araras. Se, por um lado, é reconhecida a perda pelo abandono de parte da história de um passado recente da jovem ciência psicológica, por outro lado, reconhece-se o comprometimento com a história [e com a Psicologia] em uma pessoa que dedicou sua vida, na busca de compreender as vicissitudes do comportamento humano. (BRANDÃO, 2006, p. 169)

2. EXPOSIÇÃO E CONSTRUÇÃO DE CONHECIMENTO: O PROBLEMA DE PESQUISA

(...) as possibilidades da exposição histórica são privilegiadas. Não sendo a História um conjunto *a priori* de noções, afirmações e informações – mas uma leitura em que ela mesma institui, em última instância, aquilo que pretende tornar inteligível – ensinar História só pode ser, obrigatoriamente, ensinar a fazer História (e aprender História, aprender a fazer História). Por isso, a diretriz (obviamente não exclusiva, mas necessariamente presente) de um museu histórico seria transformar-se num recurso para fazer História com objetos e ensinar como se faz História com os objetos. (MENESES, 1994, p. 39-40)

Os 17 aparelhos de Psicologia doados por Pe. João Modesti são objetos históricos da Psicologia brasileira e o NEHPSI tem se proposto e torná-los documentos. Para Meneses (1994), um objeto torna-se um documento histórico a partir do momento em que é pensado na relação com o contexto a que pertenceu e pensar e estudar essas relações é tarefa dos historiadores.

Segundo Bellotto (2004), documento é definido como todo elemento gráfico, iconográfico, plástico ou fônico pelo qual o homem se expressa, ou seja, toda produção humana que tenha finalidades funcionais culturais, artísticas, técnicas, jurídicas ou científicas.

A organização e a exibição de documentos buscam a conservação e o estudo dos materiais de valor histórico, capazes de dar voz ao passado, podendo proporcionar aos pesquisadores e interessados a interação teoria/prática. Nos documentos os visitantes encontrarão a expressão dos processos sociais e culturais das diferentes realidades nas quais foram engendrados e desenvolvidos.

O objetivo convergente dos meios institucionais de custódia e disseminação de documentos (arquivos, bibliotecas, centro de documentações e museus), segundo Bellotto (2004), é recolher, tratar, transferir e difundir informações. Essas instituições estão preocupadas com a transmissão cultural, a custódia e a divulgação de informações técnicas e científicas dos documentos pelos quais são responsáveis.

Para Bellotto (2004), uma característica dos documentos de um museu³ é ser tridimensional, ou seja, ser objeto. Dentro dessa característica pode possuir as mais variadas formas, naturezas, dimensões e tipos. De acordo com a autora, os documentos de um museu se originam da criação artística ou material de uma civilização ou comunidade. Esses documentos servem para informar e possuem a função educativa, científica ou de entretenimento.

O Museu tem sua natureza atrelada ao universo do conhecimento, conforme Meneses (1994), porém não necessariamente só isso. O autor acredita que no século XXI, os museus deixaram de ser um espaço nostálgico e anacrônico, para se tornarem importantes vias de conhecimento, análise da sociedade e formação da consciência crítica. Ainda para o autor, os museus devem deixar de ser um espaço que evoca, celebra e cultua objetos, o que Meneses (1994) denomina de Teatro da Memória, para se tornarem

³ “Na Grécia, o *mouseion*, ou casa das musas, era uma mistura de templo e instituição de pesquisa, voltado sobretudo para o saber filosófico. As musas, na mitologia grega, eram as filhas que Zeus gerara com Mnemosine, a divindade da memória... O *mouseion* era então esse local privilegiado, onde a mente repousava e onde o pensamento profundo e criativo, liberto dos problemas e aflições cotidianos, poderia se dedicar às artes e às ciências”. (SUANO, 1989, p. 10)

Laboratórios da História, onde a memória é tratada como um objeto de conhecimento.

Segundo Cury (2005), o museu é uma instituição produtora de exposições. A exposição é uma parte no processo de musealização. A expografia enquanto parte da museografia (termo que engloba todas as ações práticas de um museu) tem por objetivo cuidar da forma de exposições, contemplando, segundo a autora, os aspectos de planejamento, metodologia e técnica durante sua preparação. Mas, a exposição é também o espaço de encontro entre o objetivo de quem expõe e a síntese subjetiva de quem visita (CURY, 2005). Dentro dessa perspectiva a exposição deixa de ser apenas um recurso para transmissão de mensagens e passa a ser compreendida como um espaço de construção de valores. Para sua avaliação, a área conta com a chamada “pesquisa de recepção”, que:

(...) estuda os modos e resultados do encontro entre mensagem e destinatário. Assim, a recepção é o resultado da interpretação que o público faz da obra. Se considerarmos uma exposição como uma obra (e a considero), a experiência do público ocorre pela apreciação que ele faz a partir do seu universo referencial, criando uma síntese subjetiva. O público, de fato, recria a mensagem da exposição, complementando-a ou mesmo modificando-a. (CURY, 2005, p.38)

A autora atenta ainda para a importância do planejamento de uma exposição ser realizado sob a ótica do público e a preocupação de facilitar ao visitante o comportamento ativo cognitivo (intelectual e emotivo).

Conceber e montar uma exposição sob o viés da experiência do público significa escolher um tema de relevância científica e social e organizá-lo material e visualmente no espaço físico com o objetivo de estabelecer uma relação dialética entre o conhecimento que o público já tem sobre o tema em pauta e o novo conhecimento que a exposição está propondo. A exposição é pensada e montada tendo como ponto de partida a experiência prévia do público, pois é a partir de sua experiência que o visitante recria a exposição. (CURY, 2005, p. 43)

Faz-se necessário pontuar que planejar uma exposição a partir da experiência do visitante, para Cury (2005), não significa uma diminuição da responsabilidade do papel do emissor, de quem planeja, mas reforçar a necessidade de se repensar os papéis de emissor e receptor e verificar o que surge na interação.

A exposição não necessariamente tem sua natureza histórica. Para Meneses (1994), a exposição verdadeiramente histórica ao comunicar os documentos possibilita criar interferências sobre o passado, ou seja, sobre a dinâmica da sociedade. Interferências, para o autor, são abstrações que não se evidenciam nos argumentos dos historiadores sobre as propriedades concretas dos objetos e informações de sua trajetória.

Segundo Possamai (2000), o modo como documentos históricos (objetos, imagens, fotografias, etc) são organizados e expostos conta uma determinada história para seus visitantes, porém somente a exposição não é suficiente para a compreensão de um processo histórico. A exposição deve ser alimentada com outras informações que possam acrescentar dados aos objetos que testemunham o passado. De acordo com Meneses (1994) os textos, cartazes, elementos audiovisuais e outros recursos são interessantes

em uma exposição, porém não podem ser mais valorizados que os objetos, para ele esses recursos podem prejudicar o objetivo das exposições quando deixam de ser apoio e se transformam na “espinha dorsal”.

O objetivo museológico é o elemento estruturador no planejamento de uma exposição e os recursos expográficos que compõem com os objetos centrais são variados (textos, ilustrações, fatos, sons, cheiros). Os recursos expográficos têm por função potencializar a interação do público com os patrimônios culturais. Outros dois elementos de grande importância na construção da experiência do público são: apropriação do espaço físico e desenho de exposição. (CURY, 2005)

Possamai (2000) diz ainda que, na busca por fundamentar as exposições, os pesquisadores e organizadores caem em uma grande e comum armadilha, que é o excesso de recursos expográficos descritivos, o que torna a visita, de acordo com a autora, enfadonha e cansativa.

Cury (2005) divide didaticamente o processo de concepção e montagem de uma exposição em três abordagens: a administrativa, a política e a técnica. Segundo ela, devido às exigências da contemporaneidade, um sistema de comunicação museológico deve atender as três competências. A competência técnica, no que se refere a apropriação do conteúdo exposto; a competência administrativa, no que se refere a etapa de organização e planejamento; e a competência política, no que se refere a tomadas de decisões quanto ao conteúdo da exposição a partir do objetivo museológico que se pretende alcançar.

Em seu texto, Cury (2005) trata ainda da avaliação de uma exposição como uma etapa importante no processo de verificação da transmissão de uma mensagem e da construção de valores despertados em um determinado público. Para a autora, a avaliação de uma exposição é extremamente necessária e deve ser incluída no processo mesmo de concepção e realização e posterior a ele, e deve ser realizada pela equipe responsável, pelos visitantes e por outros técnicos que não estejam envolvidos no processo.

Para Jesus (1998), uma boa avaliação de uma exposição caracteriza-se pelo prazer do visitante em estar no ambiente, pelo conhecimento e valores que são agregados à sua história pessoal depois da experiência vivenciada e pelo entendimento das informações transmitidas na exposição.

3. MÉTODO

3.1. Os aparelhos que compõem o acervo do NEHPSI

Durante sua pesquisa de doutorado de Iolanda Brandão (2006), sobre a contribuição dos Salesianos na Psicologia brasileira, a autora entrevistou o Padre salesiano João Modesti. O padre, que na ocasião residia em um Instituto salesiano na cidade de Araras, contou-lhe que no início da década de 1960 havia montado um Laboratório de Psicologia com aparelhos trazidos da Itália. Para surpresa da pesquisadora, Pe. João Modesti revelou que ainda guardava esses aparelhos em um pequeno quarto do Instituto; levou-a a conhecê-los e doou para a pesquisadora todos os equipamentos e os manuais sua para utilização.

Membro do NEHPSI, a pesquisadora delegou ao grupo a responsabilidade sobre o presente que acabara de ganhar, entendendo ser o Núcleo o local mais apropriado para a guarda desses aparelhos e realização de futuras pesquisas e exposições.

Os aparelhos chegaram à PUC-SP em abril de 2004 e foram retirados no Instituto Salesiano pela própria Iolanda com a ajuda de Pe. Vicente Guedes, padre salesiano da cidade de São Paulo, e minha, que no período ainda cursava a graduação em Psicologia e já freqüentava as reuniões no NEHPSI.

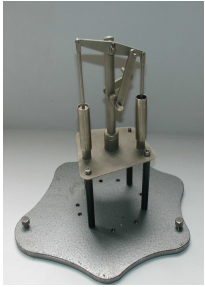

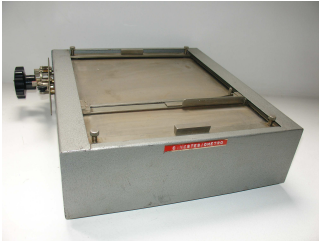

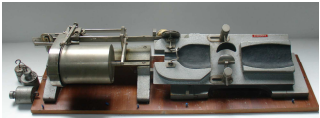
São aparelhos para medidas variadas: inteligência, percepção, tempo de reação a estímulos sonoros e visuais, atenção, memória, esforço, engenhosidade e outras capacidades de execução de atividades manuais (destreza, delicadeza, flexibilidade e firmeza). O Quadro 1 traz breve descrição

de todos eles⁴, sendo que descrição detalhada pode ser vista em anexo (Anexo 1).

Quadro 1. Breve descrição dos aparelhos

	<p>Arco de Christiaens (Arco para demolir) – Mede inteligência não verbal. Arco formado por blocos de madeira (dois fixos e sete móveis) e pequenos pedaços de madeira para usar como apoio.</p>
<p>Batoscópio (esteriométrico de Michette) – Aparelho prismático no qual o sujeito deve movimentar fios móveis, afastando ou aproximando, até colocá-los em linha. Na foto, o sujeito fica à direita, sem ver os fios móveis.</p>	
	<p>Bloco de Wiggly – Avalia a engenhosidade mecânica, mas também paciência, ordem, domínio de si, impulsividade, constância, destreza. Paralelepípedo de madeira composto por nove peças que se encaixam.</p>

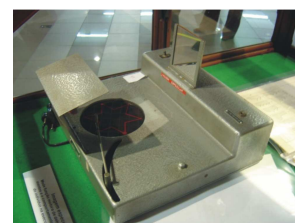
⁴ Todos os termos usados nesta descrição são tirados dos manuais de instrução que acompanham os aparelhos, exceto os aparelhos Ergógrafo de Mosso, Falso Torno, Tempo de Reação e Teste de Meili, para o qual consultou-se: Antipoff e Assunção (1937), Meili (1953), Brandão (2001) e os catálogos dos aparelhos Falso Torno e Ergógrafo localizados no Centro de Documentação da Faculdade de São João del Rei.

<p>Bomba de Schulz – Mede inteligência prática e técnica e a capacidade de execução de atividades manuais. Plataforma a ser montada com peças diversas (parafusos, porcas, barras, cilindros, entre outras).</p>	
	<p>Caixa de Decroly - Teste de inteligência não verbal. Caixa de madeira fechada com apoio de pequenas peças de metal, que o sujeito deve observar bem antes de abrir e, depois fechar.</p>
<p>Cinestesiômetro - Mede memória motórica, o poder de controle, sugestionabilidade, automatismo, e também informa qualidades caracterológicas. Caixa de metal com uma haste que amplia e reduz o espaço disponível.</p>	
	<p>Conflitógrafo – Avalia os conflitos de ordem motora. Caixa de madeira com quatro lâmpadas (duas vermelhas e duas verdes), um anteparo, um painel de comando e folhas de papel sulfite.</p>
<p>Ergógrafo de Mosso - Medir a fadiga muscular, resultante do esforço físico e intelectual. Tábua de madeira, braçadeira, argola, pesos e cilindro, onde são registrados os movimentos realizados.</p>	



Falso Torno - Avalia a capacidade de dissociação e coordenação bimanual, mas também dotes intelectuais, emotividade, fatigabilidade e atenção. Movimentando as alavancas o sujeito deve contornar o desenho.

Imagem Especular – Mede a função motora de determinados e comportamento caractereológico. Caixa de metal com anteparo, que o sujeito, com uma haste, deve contornar o desenho olhando no espelho.



Rodelas de Pikorkowski – Avalia dotes físicos, dotes intelectuais, dotes caractereológicos e hábitos de trabalho. Pequenas hastes com 15 rodelas de metal. As rodelas possuem mais furos do que a quantidade de hastes.

Tempo de Reação - Avaliar o tempo de reação frente a estímulos sonoros e luminosos. O aparelho e formado por um contador, um cilindro que registra as respostas e uma caixa que emite os estímulos. Modelo TR-12.



Teste de Hanfmann-Kasanin - Mede a flexibilidade à persistência, à rigidez e à fluidez, baseado no conceito do “pensar conceptual” de Vigotsky. 22 blocos de madeira, diferentes pela cor, forma, superfície e espessura.

<p>Teste de Meili – Avalia a capacidade teórico-prático, inteligência e de habilidade manual. Caixa de madeira com placas e pinos de metais que podem ser ligadas e articuladas entre si.</p>	
	<p>Teste de Memória Sensorial de Lalaume – Avalia a memória visual e aspectos caractereológicos, mentais e práticos. Caixa de madeira com figuras desenhadas que devem ser reproduzidas depois de observadas.</p>
<p>Teste de Souricière Dexterímetros de Moede - Mede a habilidade das mãos e o “comportamento motórico”. Base de metal e um fio de ferro torcido, com 50 rodela metálicas que se movimentam pelo fio.</p>	
	<p>Tremômetro - Mede a firmeza, a segurança das mãos e comportamentos caractereológicos. Caixa de metal com uma chapa vazada com linhas e pontos de diferentes tamanhos e um estilete de metal para contorná-los.</p>

3.2. Exposições realizadas anteriormente à pesquisa

Com o objetivo de divulgar a coleção de aparelhos, o NEHPSI logo organizou uma exposição no sagão da Biblioteca na PUC-SP (Biblioteca Nadir Gouvêa Kfourri). Depois dessa exposição, como já mencionado na Introdução, o NEHPSI foi convidado a expor os equipamentos em outras instituições.

Tendo acompanhado a trajetória dos aparelhos desde sua chegada ao NEHPSI, e como uma forma de organizar a história das exposições já realizadas, segue o Quadro 2 com dados obtidos durante as exposições. Seguem ainda algumas fotos, ilustrando algumas condições materiais das Exposições.

Quadro 2. Registro das Exposições realizadas pelo NEHPSI – PUC

	1a. Exposição	2a. Exposição	3a. Exposição	4a. Exposição	5a. Exposição	6a. Exposição	7a. Exposição
Local	PUC- SP sagão da Biblioteca (Central) Nadir Kfourri	Universidade de Campinas - Unicamp, interior de São Paulo, no prédio de Medicina Preventiva - no sagão de entrada da sala de defesa de dissertações e teses	Universidade São Marcos, em São Paulo capital. A Exposição aconteceu em uma livraria existente na Universidade, em um porão do campus João XXIII	Universidade Federal de São João del Rei/MG - Campus Dom Bosco	PUC – Poços de Caldas, interior de Minas Gerais - no sagão que dava acesso às salas da direção e do corpo docente do curso de Psicologia. O espaço também servia de acesso para as salas de aula do curso.	Sede do CRP – 03, em Salvador – BA - Rua Aristides Novis, 27 (Estrada de Lázaro) - em uma das salas da sede.	Universidade de São Paulo - USP Instituto de Psicologia - no salão de leitura da Biblioteca do Instituto
Data	Dia 10 a 22 de maio de 2004, no período das 8h30 às 22hs.	Dia 8 de outubro de 2004	Dias 27, 28 e 29 de outubro de 2004.	De 11 a 13 de novembro de 2004	Dias 24 a 27 de agosto de 2005	24 de agosto até o fim de setembro de 2007.	21 de maio a 27 junho de 2008.
Título	"A Psicologia no Brasil nos anos 1950: A Psicometria"	"A Psicologia no Brasil nos anos 1950: A Psicometria"	"A Psicologia no Brasil nos anos 1950: A Psicometria"	"A Psicologia no Brasil nos anos 1950: A Psicometria"	"A Psicologia no Brasil nos anos 1950: A Psicometria"	"História da Psicologia no Brasil: A Psicofísica e a Psicometria dos anos 1950"	"História da Psicologia no Brasil: Instrumentos de Avaliação Psicológica dos anos 1950"
Objetivo dos Organizadores	Divulgar o acervo de aparelhos de um laboratório de Psicometria doados ao NEHPSI. Para contribuir com a exposição o NEHPSI, responsável pelo acervo, no dia 12 de maio de 2004 organizou também uma mesa redonda, que aconteceu no auditório Banespa às 14hs, e contou a participação de uma professora da Universidade São Marcos, Myriam Vilarinho, da doutoranda Iolanda e da estudante de graduação Janaína, ambas membros do NEHPSI.	Atender ao pedido de Julia Motta para acontecer durante a defesa de seu doutorado que tinha por tema a História da Psicologia do Trabalho no Brasil e na Banca a Professora Maria do Carmo Guedes.	Atender ao pedido do grupo de pesquisa em História da Psicologia do Brasil, existente na Universidade.	Fazer parte da Programação do XIV Encontro Mineiro de Psicologia Social - ABRAPSO Mineira, cujo tema era Políticas Públicas: Saberes e Práticas Psicossociais, a pedido do Professor de Psicologia Social (coordenador do Curso) - UFSJ	Fazer parte da Programação da III Jornada de Psicologia da Universidade - "Psicologia e Realidade Brasileira" a pedido de um doutorando em Psicologia Clínica da PUC-SP, participante do NEHPSI e coordenador do Cursos em Poços.	Atender a solicitação de Nádia Rocha, na época presidente do Conselho Regional de Psicologia - 03, para fazer parte da programação do evento de inauguração da nova sede.	Atender ao pedido da equipe responsável pela "Memória da Psicologia do IPUSP" - um setor da Biblioteca do Instituto, a convite de sua Diretora, que conheceu a Exposição em Salvador.
Montagem da Exposição (responsáveis/colaboradores)	Responsável: Maria do Carmo Guedes (montagem, divulgação e monitoria) Colaboração: NEHPSI, Janaína, Célia, Renato, Catarina, Arnaldo, Marcela Assi (São Marcos - montagem e monitoria) e Professora Mitsuko Antunes (construção de trechos sobre a História da Psicologia no Brasil no período)	Responsáveis: Maria do Carmo Guedes e Janaína (montagem e monitoria) Colaboração: Julia Motta (montagem e divulgação)	Responsável: Janaína (montagem, monitoria e divulgação) Colaboração: membros da linha de pesquisa História e Memória da Psicologia no Brasil da Universidade São Marcos - Celso, Edilene, Carmem e Chico. (montagem, divulgação e monitoria)	Colaboração: Coordenador do Curso (montagem, divulgação)	Responsável: Janaína (montagem) Colaboração: Coordenador (montagem e divulgação)	Responsáveis: Maria do Carmo Guedes e Janaína (montagem e monitoria) Colaboração: Iolanda, Nádia, Rita, Marilda (todas na montagem, divulgação e monitoria) e Cecília (na construção de mais textos sobre os aparelhos).	Responsáveis: Maria do Carmo Guedes e Janaína (montagem e monitoria) Colaboração: Célia, Angélica (montagem e divulgação) e Professor César Ades nas decisões sobre como acomodar os aparelhos depois da abertura.

	1a. Exposição	2a. Exposição	3a. Exposição	4a. Exposição	5a. Exposição	6a. Exposição	7a. Exposição
Infra-estrutura do local onde a Exposição foi realizada	A Exposição contou com vitrines fechadas onde ficaram muitos dos aparelhos, mas eram abertas quando havia membros do NEHPSI presentes, para monitorar o manuseio dos aparelhos.	Mesas de diferentes tamanhos e os aparelhos ficaram disponíveis para serem manuseados, antes, durante e ao final da defesa de Julia Motta.	Bancadas e mesas da livraria. Os aparelhos ficaram expostos no meio dos livros expostos para venda.	X	Mesas de diferentes tamanhos e os aparelhos ficaram disponíveis para serem manuseados.	Mesas de diferentes tamanhos protegidas com toalhas brancas. A sala permanecia trancada e só era aberta nos momentos de visita com a presença de monitores e professores das universidades de Psicologia da cidade.	Mesas de diferentes tamanhos e uma vitrine (na vitrine ficaram expostos os aparelhos: Rodelas de Pikorkowski, Teste de Hanfmann-Kasanin e Teste de Meili). Na abertura da Exposição os aparelhos ficaram no espaço de estudos da biblioteca disponíveis para serem manuseados. Depois do evento o acervo foi deslocado para duas salas que permaneciam trancadas e só eram abertas pelos monitores em visitas agendadas.
Necessidades Especiais	O acervo foi transportado para o local pelos membros do NEHPSI. Para a montagem da Exposição Pe. João Modesti nos indicou um técnico que cuidava da manutenção dos aparelhos quando estes foram adquiridos por ele nos anos 50. Atendendo ao pedido do Núcleo, Pe. Tetuo veio à Biblioteca da PUC-SP e colaborou na montagem e preparação dos membros do Núcleo na utilização dos aparelhos. Dois dos aparelhos estavam com cupim e precisaram ser tratados (Arco e Conflitógrafo)	Para esse evento os equipamentos foram transportados em um carro da Unicamp, juntamente com as responsáveis Maria do Carmo Guedes e Janaína. Não foram embalados, apenas acomodados. O procedimento de volta foi o mesmo.	Para esse evento os equipamentos foram transportados por Janaína e foram apenas acomodados no carro, sem nenhuma proteção. O procedimento de volta foi o mesmo.	Para esse evento a Universidade retirou os equipamentos em São Paulo, em uma Van, e depois da atividade trouxeram de volta.	Foi necessário limpar os equipamentos pois eles estavam há muito tempo guardados. Os equipamentos foram transportados em uma Van da Universidade e foram acompanhados por Janaína. Cada equipamento foi envolvido com plástico bolha e capas de EVA. Os aparelhos voltaram para São Paulo no carro da Universidade, porém a responsável Janaína já havia retornado 2 dias antes.	Foi necessário limpar os equipamentos e embalá-los com plástico bolha e papelão. Os aparelhos viajaram para Salvador em um caminhão fechado de uma transportadora contratada pelo CRP-03. Dois dos equipamentos foram danificados com a viagem (Imagem Especular e Batoscópio). O procedimento foi o mesmo na volta, via transportadora.	Foi necessário limpar os aparelhos. O acervo foi transportado até a USP por Janaína, acomodados no carro com ajuda de plástico bolha. Os procedimentos de encerramento da Exposição foram os mesmos de ida.
Documentos expostos	1 - 17 aparelhos e suas respectivas pastas 2 - cartazes com trechos sobre o período e a História da Psicologia dos anos 1950 escritos por Mitsuko Antunes. 3 - Sumário e trecho do livro de S.J. Gould "A Falsa Medida do Homem" 4 - pasta com textos do período.	1 - 17 aparelhos e suas respectivas pastas. 2 - cartazes com trechos sobre o período e a História da Psicologia dos anos 1950 escritos por Mitsuko Antunes. 3 - pasta com textos do período.	1 - 17 aparelhos e suas respectivas pastas 2 - cartazes com trechos sobre o período e a História da Psicologia nos anos 1950 escritos por Mitsuko Antunes. 3 - pasta com textos do período.	1 - 17 aparelhos e suas respectivas pastas.	1 - 16 aparelhos e suas respectivas pastas (as rodelas de Pikorkowski não foram expostas, por ser um aparelho pequeno e delicado) 2 - cartazes com trechos sobre o período e a História da Psicologia nos anos 1950 escritos por Mitsuko Antunes. 3 - pasta com textos do período.	1 - 16 aparelhos e suas respectivas pastas (as rodelas de Pikorkowski foram expostas apenas no primeiro dia depois retornaram para São Paulo, por ser um aparelho pequeno e delicado) 2 - cartazes com trechos sobre o período e a História da Psicologia dos anos 1950 escritos por Mitsuko Antunes. 3 - pasta com textos do período. 4 - cartazes em formato A3 com apresentação resumida de cada aparelho, seus procedimentos de aplicação e avaliação.	1 - 16 aparelhos e suas respectivas pastas (o aparelho Imagem Especular não foi exposto, pois foi danificado com a viagem para Salvador) 2 - cartazes com trechos sobre o período e a História da Psicologia dos anos 1950 escritos por Mitsuko Antunes. 3 - pasta com textos do período. 4 - cartazes em formato A4 com apresentação resumida de cada aparelho, seus procedimentos de aplicação e avaliação que foram colocados na capa da pasta. 5 - cartazes com fotos dos aparelhos (confeccionados pela equipe da Biblioteca da USP).

	1a. Exposição	2a. Exposição	3a. Exposição	4a. Exposição	5a. Exposição	6a. Exposição	7a. Exposição
público	Alunos de diferentes cursos da PUC e outros visitantes da Biblioteca. Duas turmas trazida pelas Professoras de História da Psicologia de 2 Universidades particulares.	Platéia da defesa de Júlia Motta, alunos de graduação e pós-graduação bem como funcionários do prédio que passavam pelo saguão.	Alunos de diferentes cursos e professores da Universidade São Marcos, além de visitantes da Livraria.	X	Participantes da Jornada de Psicologia (dixentes, docentes e outros funcionários da Universidade)	Psicólogos (no CRP para a inauguração e no dia da eleição da nova Diretoria); estudantes e professores de Psicologia de diversas universidades e funcionários do CRP-03.	Alunos de Psicologia da USP, professores, funcionários e outros visitantes da Biblioteca do Instituto de Psicologia da USP.
Número de assinaturas no livro de visitas	X	X	X	X	35	281	15
Registro de observações	Durante essa Exposição foi possível observar o interesse de estudantes de outros cursos, que não psicologia. E alunos de cursos de Psicologia de outras universidades. Muitos se interessavam por olhar as vitrines, ler os textos e alguns chegaram a experimentar alguns dos aparelhos. Frases dos visitantes: "Isso se fazia nos exames psicotécnicos?"; "E ainda é usado?" "Quando tirei minha carta me aplicaram esse teste. (referindo-se ao Falso Torno)".	A maior parte dos visitantes eram alunos de Medicina (homens) e interagiam com todos os aparelhos. Frases dos visitantes: "Cadê a cadeira elétrica?" (estudante de Medicina) "Além de burro eu sou trêmulo" (conclusão de um dos estudantes que passou por todos os aparelhos); "Pra que cofre, quero um aparelho de Decroly na minha casa. (estudante de Medicina depois de conseguir, com muito esforço, abrir a Caixa de Decroly)".	Os alunos de Psicologia foram os mais freqüentes. Frases dos visitantes: "Meu Deus isso é horrível, monstruoso, a Psicologia já usou isso?" (aluna depois de ter visitado a exposição); "Não tenho habilidades manuais para realizar movimentos mais delicados, sou muito nervoso. (aluno enquanto tentava abrir a caixa de Decroly)".	X	Durante a montagem da Exposição muitos alunos pararam para ver do que se tratava, mas poucos se interessaram em manusear os aparelhos. Como não participei monitorando esse evento, não há registros.	Durante a Exposição estiveram presentes muitos psicólogos e estudantes de Psicologia, na maioria das vezes mulheres. O aparelho que fez mais sucesso nessa exposição foi o Conflitógrafo. Frases dos visitantes: "Legal, agora me avalia, me diz qual o resultado. (estudante de Psicologia depois de ter feito o teste de Laiaume)"; "Se fosse um carro eu tinha batido (psicóloga depois de ter experimentado o Batoscópio)"	Esse evento foi pouco visitado pelos estudantes de Psicologia da USP. Os funcionários da Biblioteca foram os que mais visitaram a Exposição. Frases dos visitantes: "Professor, quero ver o senhor abrir a Caixa de Decroly. (aluno de Psicologia da USP /monitor da exposição desafiando o professor César da USP e se divertindo em ver as dificuldades que ele apresentava)"; "Eu construí um aparelho desse durante a minha graduação, é um Conflitômetro, tenho algumas referências bibliográficas sobre ele e me disponho a compartilhá-las (mesmo professor, referindo-se ao Conflitógrafo)

Fotos das Exposições realizadas

1ª. Exposição



Espaço amplo, à entrada da Biblioteca. Expositores fechados e abertos.



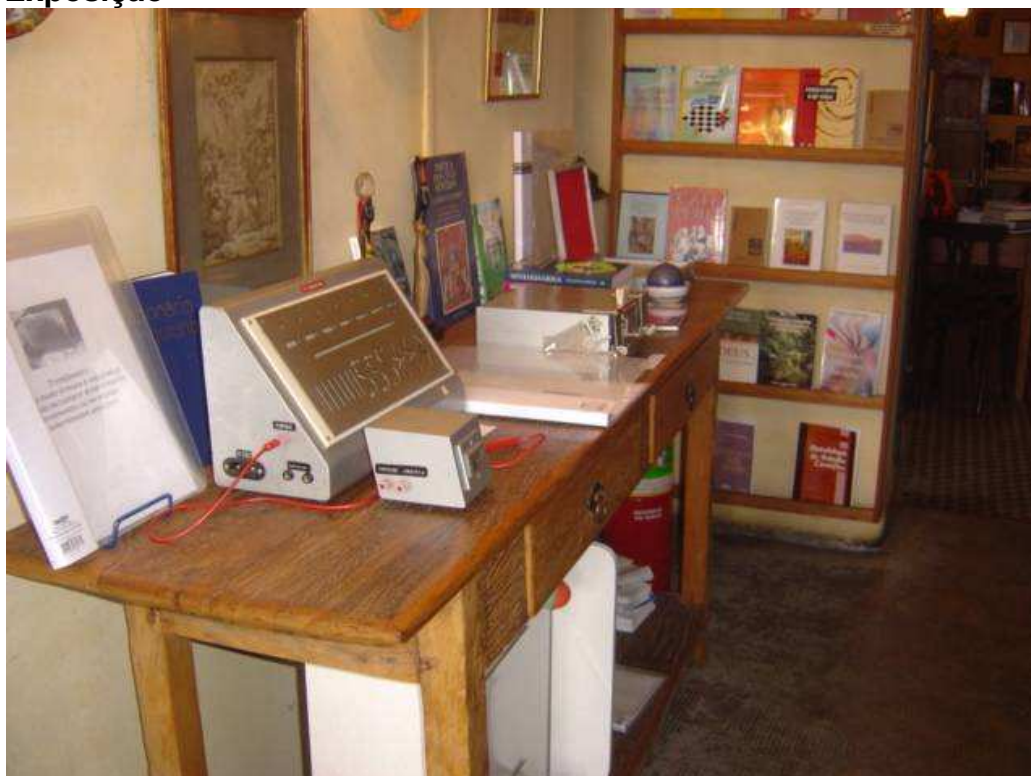
Padre Tetuo foi indispensável na 1ª. Exposição. Ensinou a operar os aparelhos e consertou os quebrados.

2ª. Exposição



Hall do salão nobre da Faculdade de Ciências Médicas da Unicamp, em frente ao Auditório de defesa de teses e dissertações.

3ª. Exposição



Espaço com entrada pelo hall da lanchonete, prédio de Psicologia.



Espaço montado para venda de livros usados, tem móveis antigos, livros encadernados e quadros.

6ª. Exposição



No prédio do Conselho Regional de Psicologia, em Salvador, que atende a dois Estados: Bahia e Sergipe.



Espaço amplo, claro e muito agradável.



Em Salvador, monitores indicados por professores de Psicologia atenderam os visitantes, depois de treinados em todos os aparelhos.

7ª. Exposição



Estudante de Psicologia desafiando o professor do curso de Psicologia da USP, César Ades, acompanhado por uma das bibliotecárias do Instituto de Psicologia a abrirem a Caixa de Decroly.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Após o Exame de qualificação e já organizados os dados coletados em exposições anteriores (1ª a 7ª), foi planejada uma exposição na PUC-SP (Exposição I), durante a Semana Acadêmica⁵, para alunos de graduação em Psicologia e outros interessados no assunto.

Esta Exposição aconteceu no dia 29 de outubro de 2008, no horário das 14h as 16h, foi realizada em uma das salas de aula da graduação e os aparelhos expostos ficaram sobre mesas para serem manuseados. Teve por título “História da Psicologia no Brasil: Instrumentos de Avaliação Psicológica dos anos 1950”.

Além de coletar dados para esta pesquisa, a Exposição I tinha por objetivo proporcionar a troca de informações sobre pesquisas realizadas pelo NEHPSI, aproximando estudantes de graduação e pós-graduação *stricto sensu*.

A montagem dessa exposição ficou sob responsabilidade da pesquisadora, porém contou com a colaboração de colegas do NEHPSI. Um recorte foi definido, uma mudança em relação às exposições anteriores, visando agora especificar um tema, no caso: medidas de inteligência.

Foram expostos sete aparelhos (Teste de Meili, Bomba de Schulz, Teste de Hanfmann-Kasanin, Arco de Christiaens, Bloco de Wiggly, Caixa de Decroly e Teste de Memória sensorial de Lalaume), suas respectivas pastas e pastas

⁵ Semana Reservada a eventos na área de pesquisa para alunos da graduação e outros interessados no assunto, com o objetivo de integrar os diferentes níveis de formação (graduação e pós-graduação).

com artigos do período e sobre o período; painéis com textos curtos sobre o período e a História da Psicologia dos anos 1950, escritos por Mitsuko Antunes, textos sobre a Psicometria hoje e cartazes que convidavam os visitantes a experimentarem os aparelhos.

Apenas os aparelhos Teste de Meili e Bomba de Schulz não ficaram disponíveis para manuseio, o primeiro por não ter informações sobre sua aplicação e o segundo por ser um teste cujo tempo de prova é longo. Os cartazes que acompanhavam os aparelhos com informações sobre sua aplicação e sua avaliação foram substituídos por cartazes curtos que apenas desafiavam os visitantes a realizarem as provas.

Visando à pesquisa, foi elaborado um questionário com questões abertas, baseadas em depoimentos de visitantes nas exposições anteriores; observação direta, registro fotográfico e entrevistas não dirigidas foram feitas durante a Exposição I, com o objetivo de verificar o que a exposição provocava no público que a visitava.

O questionário (Anexo 2) aplicado aos visitantes pedia, além de nome, idade e período, 1 – área de interesse na Psicologia; 2 – Expectativas em relação à atividade; 3 – Opinião sobre a Exposição; 4 – O que mais gostaria de saber sobre o material exposto; e 5 – Comentário final sobre o objetivo dos aparelhos (medir inteligência de adultos e crianças).

O livro de visitas contou com seis assinaturas, embora mais pessoas tivessem passado pela Exposição, e os resultados da Exposição I podem ser vistos na tabela que segue.

Resultado da Exposição I, realizada como atividade para alunos de Psicologia em Semana Acadêmica

Nome	idade	matriculado em	Áreas de Interesse na Psicologia (coloque três na ordem)	Você veio para o Seminário sobre História da Psicologia. O que você esperava encontrar?	O que achou da Exposição?	O que mais você gostaria de conhecer sobre o material exposto?	Os aparelhos expostos mediam inteligência e eram usados para avaliar pessoas (adultos e crianças). O que você diria sobre isso?	outros registros (observações e entrevistas)
M.A.S. (masc.)	25	Mestrado em Psicologia Social	História da Psicologia Bases Epistemológicas da Psicologia Social	Aparelhos utilizados para avaliação da Inteligência.	Interessante no conteúdo e formato. Manusear os aparelhos é uma forma interessante de conhecê-los, pois geralmente só se conhece por ilustrações.	Laudos de Aplicações e uma articulação com seu contexto de aplicação.	Há necessidade de pesquisas históricas para discutir seu contexto e processo de construção.	Ao responder o questionário brinca: O que eu achei? Achei muito fácil, quero aparelhos mais difíceis (rs)/ Esse visitante manuseou todos os aparelhos, conseguiu dar respostas e leu o material de apoio, chegando a retirar os textos da pasta.
R.S. (masc.)	21	6o. Semestre - Psicologia	Psicanálise Organizacional Esporte	Apresentações por meio de banners e palestras.	Interessante. Foi possível observar as mudanças que ocorreram na utilização dos testes de 50 pra cá.	Como são feitas as análises a partir da solução dos testes.	Até hoje existem teste que são usados com esse intuito. Considero esse um mau uso dos testes, pois não é possível quantificar a inteligência humana.	Esse visitante já havia tido contato com alguns dos aparelhos em outro contexto que não em exposições. Passou grande parte do tempo, silenciosamente, criando uma estrutura sólida para o arco.
L.C.G. (fem.)	51	Psicologia da Educação	Psicologia da Educação Psicologia Comunitária Psicologia da Saúde	Não sabia do Seminário. Entrei ao passar pela porta do evento.	Excelente	Seria interessante a "história vida" do material e dos autores.	Na atualidade medir ou avaliar pessoas por alguns instrumentos e somente por instrumentos pode ser uma forma de controle e poder. Porém ele em conjunto com outros meios pode ser uma maneira de interação entre aplicador e a pessoa observada e saber como ele pensou, que estratégia utilizou e como evolui o raciocínio.	Essa visitante manuseou todos os aparelhos e ficou intrigada com a solução do Kazanin, dizendo que a que ele construiu também era certa. Passou um bom tempo no Arco, comparou as peças de madeira, dizia estar faltando peça. Não teve um bom desempenho.

Nome	idade	matriculado em	Áreas de Interesse na Psicologia (coloque três na ordem)	Você veio para o Seminário sobre História da Psicologia. O que você esperava encontrar?	O que achou da Exposição?	O que mais você gostaria de conhecer sobre o material exposto?	Os aparelhos expostos mediam inteligência e eram usados para avaliar pessoas (adultos e crianças). O que você diria sobre isso?	outros registros (observações e entrevistas não dirigida)
C.M.M.F.S.(fem.)	56	Doutorado em Psicologia Social	Psicologia Social História da Psicologia Pesquisa Identidade	Oportunidade de conhecer os trabalhos dos colegas e de apresentar os meus.	Muito interessante em especial por se tratar de uma forma de praticar Psicologia na década de 50.	A que finalidade atendem, suas principais utilizações.	A mistura de adultos e crianças refletem uma certa precariedade a respeito das diferenças entre adultos e crianças.	Não observei essa visitante manuseando nenhum dos aparelhos.
V.E. (fem.)	19	4o. Semestre - Psicologia	Escolar Clínica Trabalho	Uma palestra. Do jeito como foi descrito no Programa da Semana de Integração parecia que seria uma exposição apenas teórica, uma aula. Por isso me surpreendi muito com a exposição, uma pena que foi mal divulgada.	Achei a exposição muito boa, um material interessante e desafiador em diversos aspectos. Uma oportunidade de duplo aprendizado.	Gostaria de saber como usado, no sentido de ter mais exemplos e de expor como esses instrumentos deram origem a outros. Faltou um pouco mais de contexto.	Não observei os critérios de avaliação e um dos instrumentos não tem instrução de aplicação, mas achei que eles até medem habilidades, mas me pareceram ser mais visomotoras do que de fato de inteligência, porque excluem o aspecto verbal da inteligência, mas são bem desafiadores.	Disse que entrou porque chegou atrasada para entrar em outra exposição. Depois que terminou o questionário a visitante me procurou novamente para conversar e perguntou se algum dos aparelhos originou outro teste psicológico. Conte para ela do cinesteciometro. Ela sentiu muito não ter sido melhor divulgada a exposição e disse para avisar a coordenação do curso quando ocorrer novamente. V.E. disse que quando divulgar seria melhor não falar história e sim aparelhos de inteligência que poderão ser manuseados. Segundo ela história lembra teoria e é chato e cansativo. Ela diz: Aprender história assim é muito mais legal.

Fotos da Exposição



Foi decepcionante para a pesquisadora o pequeno número de visitantes. Soube-se depois que o horário escolhido não favoreceu a atividade, pois competiu com as exposições dos trabalhos de Iniciação Científica, realizados em outro prédio. Entretanto, permitiu, ainda assim, conferir o interesse de simples passantes (L.C.G.) e dos próprios membros do Núcleo, um dos quais via e manuseava pela primeira vez os aparelhos (M.A.S.). Mesmo a exposição não correspondendo à expectativa, foi possível observar e coletar informações relevantes à pesquisa junto ao público que a visitou.

O público que visitou a Exposição I era bastante diversificado, visitantes homens e mulheres, de diferentes idades, alunos de graduação em Psicologia, alunos de pós-graduação, mestrandos, doutorandos, pós-doutorandos, professores de curso de Psicologia, inclusive de outra Universidade. Faz-se necessário registrar que além de nem todos os visitantes da exposição assinarem o livro de visitas, também houve alguns que optaram por não responder o questionário. Alguns dos visitantes foram surpreendidos, pois esperavam encontrar uma exposição verbal e visual, porém não imaginavam uma exposição interativa onde pudessem entrar em contato com aparelhos.

A resposta de R.S. à questão 6 do questionário (o que achou da exposição) permite concluir que o contato com os aparelhos pode levar o visitante a refletir sobre as mudanças que ocorreram dos anos 1950 até hoje no campo da Avaliação Psicológica. Essa reflexão atende à idéia de “inclusão histórica” de Pinsky e Pinsky (2008), pois o visitante consegue relacionar o passado com o presente no qual se insere, além de ilustrar o compromisso da História, tratado por Antunes (1998) e Hobsbawn (1998), situando-se em

relação ao passado de sua comunidade (Psicologia) e reconhecendo suas mudanças e transformações.

A resposta de R.S. também se articula com as idéias apresentadas por Cury (2005), já que a consideração feita parece ter sido produzida pela oportunidade de articular a vivência com os aparelhos na exposição a outros conhecimentos produzidos a partir de outras vivências. A visitante V.E. também relacionou suas vivências às informações obtidas durante a exposição ao questionar a pesquisadora se havia semelhança entre os aparelhos expostos e as avaliações psicológicas aprendidas durante a formação em Psicologia. Novos conhecimentos e valores surgem no contato com documentos expostos relacionados com as vivências e conhecimentos anteriores de um indivíduo.

Durante a Exposição I, através do depoimento de V.E., foi possível constatar a desvalorização da História, apresentada no início desta pesquisa e tratada por Massimi (1996) e Pinsky e Pinsky (2008). O momento sócio-histórico em que vivemos parece, de acordo com os autores, priorizar o futuro, buscar o avanço e entender a história como ultrapassada e um retrocesso. Para a visitante V.E., História é chato e cansativo, porém reconhece que conhecer um pouco da História da Psicologia visitando a exposição e manuseando os aparelhos “é muito mais legal”. A fala de V.E. parece confirmar a proposta de Darcy Ribeiro (1973), de que é possível produzir e vivenciar conhecimento de outras formas que não só no contexto formal.

Foi bom verificar como todos os visitantes que responderam o questionário acham a exposição interessante e os comportamentos, ao entrarem em contato com os aparelhos, parecem revelar envolvimento, curiosidade, divertimento. Porém, quando esses mesmos visitantes são

informados quanto aos objetivos dos aparelhos e solicitados a se posicionarem criticamente (questão 8 do questionário), a maioria parece responder de forma a atender um discurso hegemônico presente atualmente na Psicologia, que ataca as medidas de avaliação, os testes e as diferentes formas de quantificar elementos psicológicos. Isso pode ser percebido nas respostas de R.S. e L.C.G.:

Até hoje existem testes que são usados com esse intuito [avaliam inteligência de crianças e adultos]. Considero esse um mau uso dos testes, pois não é possível quantificar a inteligência humana. (R.S.)

Na atualidade medir ou avaliar pessoas por alguns instrumentos pode ser uma forma de controle e poder. (L.C.G.)

A insatisfação com a Exposição I para o objetivo colocado nesta pesquisa levou à organização de outra exposição.

Durante a Exposição da Semana Acadêmica, em outubro, recebemos a visita de uma professora de Psicologia no curso de Pedagogia na Faculdade Oswaldo Cruz. Encantada com os aparelhos e com a proposta de recorte sobre avaliação de inteligência, Liliam Suzuki solicitou a Exposição como atividade de encerramento de sua disciplina.

Atendendo ao convite, a Exposição II aconteceu nessa Faculdade no dia 2 de dezembro de 2008 no horário das 19h as 22h, para alunos da disciplina de Psicologia, matriculados no segundo ano do curso de Pedagogia. Teve por título “História da Psicologia no Brasil: Instrumentos para Avaliação da Inteligência”.

Mantido o recorte (apenas aparelhos de medida de inteligência) o transporte, a montagem e a responsabilidade da exposição eram da pesquisadora, que contou com a colaboração de um dos funcionários da Faculdade. Os aparelhos foram acomodados sobre mesas na sala de aula em um canto da sala, conforme se vê nas fotos à página seguinte.



Foram expostos, como na Exposição I, os sete aparelhos (Teste de Meili, Bomba de Schulz, Teste de Hanfmann-Kasanin, Arco de Christiaens, Bloco de Wiggly, Caixa de Decroly e Teste de Memória sensorial de Lalaume), painéis com textos curtos sobre o período e a História da Psicologia dos anos 1950, escritos por Mitsuko Antunes (Anexo 3), textos sobre a Psicometria hoje (Anexo 4) e cartazes que convidavam os visitantes a experimentarem os

aparelhos. Ficaram expostas também as pastas dos aparelhos e pastas com artigos sobre História da Psicologia, do período e sobre o período (Anexo 5).

A diferença da exposição da PUC-SP, além do título, estava no questionário, que sofreu pequenas alterações atendendo ao público a quem se destinava e a questão 7 foi agora fechada, a partir das respostas da questão 7 obtidas na exposição na PUC-SP e a ordem das alternativas resultou de sorteio ao acaso.

Respostas dos visitantes à questão 7 no questionário da Exposição I: O que mais você gostaria de conhecer sobre o material exposto?	Alternativas resultantes da Exposição I para a questão 7 no questionário da Exposição II: Para falar de História da Psicologia o que mais seria importante? (Coloque em ordem de importância. Ex: 1º, 2º, etc)
<p>“Gostaria de saber como usado, no sentido de ter mais exemplos e de expor como esses instrumentos deram origem a outros.” (V.E.)</p> <p>“Faltou um pouco mais de contexto.” (V.E.)</p> <p>“(…) Articulação com seu contexto.” (M.A.S.)</p> <p>“A que finalidade atendem, suas principais utilizações.” (C.M.M.F.S.)</p> <p>“Como são feitas as análises a partir da solução dos testes.” (R.S.)</p> <p>“Seria interessante a "história de vida" do material e dos autores.” (L.C.G.)</p> <p>“Seria interessante a "história vida" do material e dos autores.” (L.C.G.)</p> <p>“A que finalidade atendem, suas principais utilizações.” (C.M.M.F.S.)</p> <p>“Laudos de Aplicações.” (M.A.S.)</p> <p>“Como são feitas as análises a partir da solução dos testes.” (R.S.)</p>	<p>Saber se ainda são usados ou o que os substituiu.</p> <p>Conhecer melhor o período em que eram usados.</p> <p>Saber quem solicitava este tipo de avaliação.</p> <p>Saber como os resultados eram coletados.</p> <p>Discutir os conceitos envolvidos nestas avaliações.</p> <p>Saber mais dos autores das propostas de avaliação.</p> <p>Conhecer o uso dos resultados destas avaliações.</p> <p>Saber como os resultados eram interpretados.</p>

O questionário aplicado neste momento ficou como segue:

**Questionário para visitantes da exposição
“História da Psicologia no Brasil: Instrumentos para Avaliação da Inteligência”**

1 - Nome: _____ **2 - Idade:** _____

3 – Matriculado no período: _____

4 - Áreas de interesse na Psicologia (coloque 3 na ordem):

5 – O que você esperava encontrar na exposição de aparelhos de Psicologia?

6 – O que achou da Exposição?

7- Para falar de História da Psicologia o que mais seria importante? (Coloque em ordem de importância. Ex: 1º, 2º, etc)

- Saber se ainda são usados ou o que os substituiu
- Conhecer melhor o período em que eram usados.
- Saber quem solicitava este tipo de avaliação
- Saber como os resultados eram coletados
- Discutir os conceitos envolvidos nestas avaliações
- Saber mais dos autores das propostas de avaliação
- Conhecer o uso dos resultados destas avaliações
- Saber como os resultados eram interpretados

8 - Comentários/Sugestões _____

No livro de visita da Exposição II foram registradas 12 assinaturas. As respostas obtidas e outros dados coletados durante a exposição podem ser vistos na tabela a seguir.

Resultado da Exposição II, realizada como aula - fechamento de um curso de Psicologia para alunos de Pedagogia

Nome	idade	matriculado no período	Áreas de Interesse na Psicologia (coloque três na ordem)	O que você esperava encontrar na exposição de aparelhos de Psicologia?	O que achou da Exposição?	Para falar de História da Psicologia o que mais seria importante? (Coloque em ordem de importância)	Comentários/Sugestões	outros registros
T.M.A. (fem)	18	2o ano de Pedagogia - Noturno	Behaviorismo, Gestalt, Problemas de Aprendizagem	Eu estava esperando outros tipos de aparelhos.	Super Legal	8,2,1,3,7,4,5,6	Está tudo perfeito.	T. gostou da caixa de Decroly. Abriu junto com uma colega e depois não conseguiram fechar. Chegou a conclusão que duas cabeças pensam mais do que uma, mas não entendem o que estão fazendo, o resultado chega, mas não dá pra entender direito como. Pensou na articulação com o principio da Gestalt, "cada uma fez uma parte e não tivemos a compreensão do todo". T. também me pediu para desmontar e montar a Bomba de Schulz, ela disse que gostou muito. Não tentou o Kazanin, porque lembrava Tangran e ela disse que não se dava bem com Tangrans. Ficou todo o tempo da aula na exposição.
M.H.D. (fem)	28	2o ano de Pedagogia - Noturno	Psicopedagogia, Gestalt, Objetividade e Subjetividade	Algo mais moderno, pois achei que as pessoas eram avaliadas de maneira, uma forma "acomodada"	Interessante	1,2,4,3,5,7,6,8	X	Ela explicou que ficou surpresa com a variedade de instrumentos e com como eles se transformaram com o tempo. Ela imaginava que aparelhos eram algo do futuro e que só existia uma maneira de avaliar.
R.S.V. (fem)	X	2o ano de Pedagogia - Noturno	Psicologia do Desenvolvimento, Psicologia da Educação, Psicologia da Maturação	O que vi.	Muito interessante e criativa	3,1,4,5,8,2,7,6	Que está exposição seja mostrada no período letivo para os cursos de Pedagogia e Psicologia.	Ela comentou: Tem na minha escolinha (Kazanin), as crianças montam e eu nunca entendi.

Nome	idade	matriculado no período	Áreas de Interesse na Psicologia (coloque três na ordem)	O que você esperava encontrar na exposição de aparelhos de Psicologia?	O que achou da Exposição?	Para falar de História da Psicologia o que mais seria importante? (Coloque em ordem de importância)	Comentários/Sugestões	outros registros
F.R.F.A. (fem)	24	2o ano de Pedagogia - Noturno	Psicopedagogia	Algo mais moderno (pois não sabia que era da década de 50). Mas ao saber qual era o período utilizado (achei) superou minhas expectativas.	Interessante	3,2,4,6,5,8,7,1	X	Na estação ciência tem um bloco parecido com esse. Parece fácil, mas quando você desmonta leva um tempão para montar. (comenta apenas observando o Bloco de Wiggly)
P.R.L.B. (fem)	19	2o ano de Pedagogia - Noturno	Psicopedagogia	Na verdade não esperava encontrar aparelhos desse modo por nunca ter conhecido nenhum.	Deslumbrante. Muito interessante.	7,6,8,5,1,2,3,4	X	P. ficou mais tempo na caixa e no arco. Ficou muito feliz quando conseguiu abrir. Quando viu a caixa ela falou que não precisava de cofre, o problema é que nem o Dono ia conseguir abrir para pegar o dinheiro. Dividiu o Kazanin com a T. e disse: nossa solução é mais criativa. Concluiu: para as crianças deve ser mais fácil, temos mania de complicar tudo, conhecendo a resposta é tão simples.
L.M.F. (fem)	32	2o ano de Pedagogia - Noturno	Psicopedagogia e Desenvolvimento	Além da exposição uma breve palestra, algo mais.	Muito boa, desafiadora e curiosa	2,3,4,6,5,1,7,8	X	X
S. (fem)	41	2o ano de Pedagogia - Noturno	Inteligência, Cognitivo, Afetivo	Coisas de mexer muito com a cabeça e deixar o sujeito doido de curiosidade, vontade de mexer e ver o que é.	Muito boa, interessante e difícil de compreender as causas os meios e os fins.	1,2,3,1,2,3,1,2	É bom que esses materiais sejam mais divulgados no ensino da Psicologia e que os alunos tenham acesso sobre tudo, de quem o projetou, o porque e qual a ajuda que os aparelhos trazem para todos.	Ela dizia o tempo todo que estava doida e que estava cansada, com a mente cansada. Reclamava por não conseguir realizar a tarefa, mas quando eu me aproximava ela conseguia realizar. Ela conclui: "É quem disse que porque é velho é fácil, meu pai é velho e é tão difícil, cabeça dura". (relacionando-se com a caixa de Decroly)

Nome	idade	matriculado no período	Áreas de Interesse na Psicologia (coloque três na ordem)	O que você esperava encontrar na exposição de aparelhos de Psicologia?	O que achou da Exposição?	Para falar de História da Psicologia o que mais seria importante? (Coloque em ordem de importância)	Comentários/Sugestões	outros registros
S.A.O. (fem)	41	2o ano de Pedagogia - Noturno	X	Muitas coisas novas, materiais, peças que levam	Boa, gostosa, e foi uma experiência para mim. Gostei de me familiarizar com esses objetos	X	X	Isso tem haver com psicotécnico, não tem?
E.A.B. (fem)	31	2o ano de Pedagogia - Noturno	Memória, Agilidade, Praticidade	Muitos aparelhos	Gostei, foi muito interessante, mexeu com a minha curiosidade	X	Saber como os resultados eram coletados.	Como ficava quem não conseguia resolver os testes? Eles encaminhavam para algum serviço?
A.G.B. (fem)	34	2o ano de Pedagogia - Noturno	X	X	Gostei muito, bem interessante.	4,2,1,3,5,8,7,6	X	X
E.L.M. (fem)	25	2o ano de Pedagogia - Noturno	X	Esperava conseguir montar mais de uma peça, porém só consegui montar uma	Achei muito interessante para nosso desenvolvimento cognitivo apesar de ser um pouco difícil de montar.	1,2,3,4,2,1,2,2	Nós podemos dar algumas sugestões, como é um trabalho para avaliar a nossa inteligência. É bem interessante essas exposições da para avaliar a nossa inteligência se está de baixo nível intelectual.	E. tinha acabado de sair de uma prova de recuperação e descobriu que estava de exame na disciplina de Psicologia, visitar a exposição para ela era parte do exame, se sentiu avaliada todo o tempo.

Nome	idade	matriculado no período	Áreas de Interesse na Psicologia (coloque três na ordem)	O que você esperava encontrar na exposição de aparelhos de Psicologia?	O que achou da Exposição?	Para falar de História da Psicologia o que mais seria importante? (Coloque em ordem de importância)	Comentários/Sugestões	outros registros
P.G.C. (fem)	18	2o ano de Pedagogia - Noturno	Psicopedagogia, Psicologia da Educação Infantil, Psicologia do Desenvolvimento	Aparelhos que nos fazem refletir como devem ser usados e nos deixam ansiosas para conseguir finalizar o objetivo dos aparelhos.	Interessante, porque foram apresentados aparelhos que nos levam a pensar quais formas devemos usar para atingir nossa inteligência.	2,1,4,7,3,5,6,8	X	X

A Exposição II teve seu público formado exclusivamente por mulheres e doze do grupo de visitantes assinaram o livro de visitas e responderam o questionário que acompanhou a exposição. A faixa etária do público, segundo os questionários, variou entre dezoito e quarenta e um anos de idade e todas estavam cursando o segundo ano, do curso noturno, de Pedagogia.

Os questionários revelaram também que as estudantes, quando questionadas sobre as áreas da Psicologia que as interessam, respondem tanto pelas especialidades (psicopedagogia) como por objetos de estudo (memória, agilidade, praticidade, inteligência, cognitivo, afetivo, problemas de aprendizagem, objetividade e subjetividade) ou abordagens/escolas (Behaviorismo e Gestalt) e áreas de atuação (Psicologia da Educação Infantil, Psicologia do Desenvolvimento, Psicologia da Maturação e Psicologia da Educação).

Nas respostas das visitantes foi possível identificar também as sínteses subjetivas descritas por Cury (2005). As futuras pedagogas parecem ter recriado a mensagem da exposição, completando-a e por alguns momentos modificando-a a partir de suas experiências prévias sobre a temática tratada. Como Por exemplo, R.S.V., que ao tomar contato com o aparelho Hanfmann-Kasanin, o identificou como existente na escola de educação infantil onde trabalha; F.R.F.A. que relatou que na Estação Ciência, também em São Paulo, existe um bloco parecido com o Bloco de Wiggly; S.A.O., que questiona se os aparelhos expostos não possuem relação com os exames psicotécnicos, lembrando que havia se submetido a alguns testes para solicitar sua carteira de habilitação.

Foi possível observar durante o contato das visitantes com a exposição que as sínteses subjetivas se articulavam não só com as vivências do campo pessoal e afetivo, mas também com as experiências do campo profissional e da formação universitária.

Algumas visitantes relacionaram a exposição com o conteúdo que tiveram em aulas de Psicologia. É possível perceber essas relações nas falas de T.M.A., quando, junto com uma colega e depois de terem aberto a caixa de Decroly, mas que não conseguiram fechar, articulou o fato com o conteúdo aprendido sobre a Gestalt: "cada uma fez uma parte e não tivemos a compreensão do todo" (T.M.A.).

Diferente das outras exposições já realizadas o aparelho que se destacou na Exposição II não foi o mais manuseado e o de que as visitantes mais gostaram. As semelhanças atribuídas ao teste Hanfmann-Kazanin com os jogos pedagógicos (jogos de madeira, com peças coloridas) parece ter provocado resistência nas visitantes, de acordo com elas, por não gostarem dos jogos ou porque eram muito comuns no seu cotidiano profissional. As visitantes que manusearam esse aparelho apresentaram um pouco de dificuldade de entender a instrução; segundo elas os aparelhos pedagógicos que conhecem têm por objetivo formar desenhos, imagens, portanto, somar as partes, diferente da proposta do aparelho exposto, cuja instrução é dividir as peças em grupos. Interessante perceber que algumas experiências prévias dificultaram a relação de algumas visitantes com um dos aparelhos que compõem a exposição.

Lendo os cartazes da exposição e conversando com a pesquisadora, as estudantes de pedagogia ficaram surpresas ao descobrir que a profissão de psicólogo foi regulamentada em 1962. O fato as levou a questionar quem, então, operava aqueles aparelhos que estavam ali expostos. As visitantes foram informadas que a Psicologia era aplicada por engenheiros, advogados, médicos, religiosos e pedagogos, como mostram os estudos da História da Psicologia.

As visitantes ficaram envolvidas com a informação e parecem ter se localizado na História que ali estava sendo contada, enquanto classe profissional, reconhecendo a História da Pedagogia na História da Psicologia. Neste momento, as estudantes se incluíram na História, como propõe Hobsbawn (1998), o que é, segundo Pinsky e Pinsky (2008), garantia de uma boa aula de História.

Ao se perceberem parte da História, buscaram outras relações da História da Psicologia e da História da Pedagogia brasileira. Recordaram a História da Pedagogia e apontam que, assim como a Psicologia, a Pedagogia também atende aos fatores conjunturais e estruturais existentes no momento histórico (exemplo: espírito taylorista). Uma das comparações realizadas pelas visitantes foi quanto à divisão das salas de aulas das escolas em turmas A, B e C, dividindo os alunos com o critério dos que seriam os mais inteligentes para os menos inteligentes, também atendendo ao momento de desenvolvimento da História brasileira.

As estudantes parecem estabelecer relações da História da Psicologia com outros movimentos sociais, como a História da própria Pedagogia;

parecem entender o chamado *zeitgeist* da época, portanto buscam compreender a História conforme propõe Antunes (1998).

Um depoimento curioso que se deu nessa Exposição II foi o fato das estudantes, ao serem comunicadas sobre a Exposição de aparelhos de Psicologia, imaginarem instrumentos modernos, novidades, “inovações fantásticas”, termo escrito por Centofanti (1982) ao se referir a acusação realizada em 1897 na criação do 1º Laboratório de Psicologia no Brasil. A surpresa pode estar relacionada com o momento histórico no qual vivemos, já mencionado pelos historiadores apresentados na introdução desta pesquisa, a busca pelo avanço e o olhar para o futuro e a “censura da memória”. A consideração feita pelas visitantes foi que os aparelhos podem não ser novos, mas o assunto era novo para elas e que os instrumentos são interessantes, mesmo que utilizados nos anos 1950.

Aparentemente, todas as visitantes gostaram muito da exposição e algumas até demonstram o desejo de visitá-la novamente e convidarem outras pessoas para conhecer os documentos expostos. Enquanto conheciam a exposição perguntavam sobre as exposições anteriores, apresentando interesse sobre a História da própria exposição.

Observando as respostas dos questionários é possível identificar também duas visitantes que descrevem a exposição como uma experiência de avaliação (E.L.M. e P.G.C.). Faz-se necessário registrar que as duas estudantes não haviam conseguido atender à avaliação da disciplina de Psicologia e tinham sido convidadas pela professora a visitar a exposição com o objetivo de construir um texto a partir da vivência. As visitantes estavam

visivelmente chateadas com a notícia de que não haviam alcançado as metas do curso, havia um sentimento de incapacidade anterior ao contato com os aparelhos. O fato provocou desconforto nas estudantes, que viveram a exposição como uma avaliação, e se confirmou nas respostas do questionário.

Aparelhos que nos fazem refletir como devem ser usados e nos deixam ansiosas para conseguir finalizar o objetivo dos aparelhos. Interessante, porque foram apresentados aparelhos que nos levam a pensar quais formas devemos usar para atingir nossa inteligência. (E.L.M.)

Achei muito interessante para nosso desenvolvimento cognitivo apesar de ser um pouco difícil de montar. Nós podemos dar algumas sugestões, como é um trabalho para avaliar a nossa inteligência. É bem interessante essas exposições para avaliar a nossa inteligência se está de baixo nível intelectual. (P.G.C.)

No geral, as respostas dos questionários, os comportamentos e depoimentos dados pelas visitantes parecem comunicar que a Exposição atendeu sua função como documentos históricos em exposição, descritas por Belotto (2004): foi educativa, científica e principalmente entretiveram as visitantes.

A Exposição II pôde ser considerada uma boa exposição, dentro da proposta de avaliação apresentada por Jesus (1998). Nos relatos das visitantes e na análise realizada sobre as informações observadas, foi possível identificar prazer, valores agregados à história pessoal das visitantes, conhecimento e entendimento das informações transmitidas na Exposição.

Entretanto análise especial foi feita para a questão 7, sobre importância atribuída a diferentes aspectos da História da Psicologia.

Para primeira análise foi realizada com as respostas dos estudantes presentes à Exposição II. Para chegar a uma ordem de importância para o grupo de visitantes, resultado de suas respostas à questão 7 do questionário então aplicado, foi feita uma contagem da seguinte forma: como são oito itens para serem colocados por ordem de importância, o item escolhido como primeira opção recebeu 8 pontos, o segundo 7, o terceiro 6, o quarto 5, o quinto 4, o sexto 3, o sétimo 2 e o oitavo 1 ponto. Dessa forma, os pontos de cada item ordenado pelos visitantes, depois de somados, iram dar uma ordem de importância geral.

Tabela 1. Ordem de importância atribuída, pelos visitantes da Exposição II, a alguns aspectos da História da Psicologia

Nome	Alternativas oferecidas para a questão 7							
	1 ^a	2 ^a	3 ^a	4 ^a	5 ^a	6 ^a	7 ^a	8 ^a
T.M.A.	1	7	8	6	2	5	4	3
M.H.D.	8	7	5	6	4	2	3	1
R.S.V.	6	8	5	4	1	7	2	3
F.R.F.A.	6	7	5	3	4	1	2	8
P.R.L.B.	2	3	1	4	8	7	6	5
A.G.B.	5	7	8	6	4	1	2	3
P.G.C.	7	8	5	2	6	4	3	1
TOTAL	35	47	37	31	29	27	22	24

Não foram computados aqui dois casos, cujas respostas trazem repetição de posições.

Resultado:

1º lugar: Conhecer melhor o período em que eram usados (2ª alternativa) - 47 pontos

2º lugar: Saber quem solicitava este tipo de avaliação (3ª alternativa) - 37 pontos

3º lugar: Saber se ainda são usados ou o que os substituiu (1ª alternativa) - 35 pontos

4º lugar: Saber como os resultados eram coletados (4ª alternativa) - 31 pontos

5º lugar: Discutir os conceitos envolvidos nestas avaliações (5ª alternativa) - 29 pontos

6º lugar: Saber mais dos autores das propostas de avaliação (6ª alternativa) - 27 pontos

7º lugar: Saber como os resultados eram interpretados (8ª alternativa) - 24 pontos

8º lugar: Conhecer o uso dos resultados destas avaliações (7ª alternativa) - 22 pontos

A concentração de respostas nas primeiras alternativas poderia indicar respostas sem leitura do conjunto. Entretanto não é possível afirmar isso. Por outro lado, cabe também considerar que as instruções talvez não estivessem

suficientemente claras, o que se pode notar pelo fato de dois visitantes responderem de modo diferente do esperado.

Mesmo a questão não tendo sido respondida da maneira esperada pelas visitantes S. e E.L.M. e as alternativas não estarem ordenadas, foi realizada uma nova contagem incluindo as respostas e mantendo as pontuações conforme a posição atribuída as alternativas, mesmo que a pontuação se repetisse.

Assim nova tabela foi feita.

Tabela 2. Ordem de importância atribuída pelas nove visitantes da Exposição II

Nome	Alternativas oferecidas à questão 7							
	1 ^a	2 ^a	3 ^a	4 ^a	5 ^a	6 ^a	7 ^a	8 ^a
T.M.A.	1	7	8	6	2	5	4	3
M.H.D.	8	7	5	6	4	2	3	1
R.S.V.	6	8	5	4	1	7	2	3
F.R.F.A.	6	7	5	3	4	1	2	8
P.R.L.B.	2	3	1	4	8	7	6	5
A.G.B.	5	7	8	6	4	1	2	3
P.G.C.	7	8	5	2	6	4	3	1
S.	8	7	6	8	7	6	8	7
E.L.M.	8	7	6	5	7	8	7	7
TOTAL	51	61	49	44	43	41	37	38

A comparação dos resultados das alunas que responderam da maneira esperada (uma posição para cada alternativa) com o resultado do total de alunas (isto é, incluído as duas visitantes que colocaram mais de uma alternativa na mesma posição) mostra apenas uma alteração: a troca de posição de duas alternativas – a 1^a (saber se ainda são usados ou o que os substituiu) e a 3^a (saber quem solicitava este tipo de avaliação), conforme se vê na tabela 3.

Tabela 3. Comparação entre os dois grupos

Alternativas	Total de pontos		Posição (lugar)	
	Grupo 1 (7 estudantes)	Grupo 2 (9 estudantes)	Grupo 1	Grupo 2
1ª Saber se ainda são usados ou o que os substituiu	35	51	3º	2º
2ª Conhecer melhor o período em que eram usados.	47	61	1º	1º
3ª Saber quem solicitava este tipo de avaliação	37	49	2º	3º
4ª Saber como os resultados eram coletados	31	44	4º	4º
5ª Discutir os conceitos envolvidos nestas avaliações	29	43	5º	5º
6ª Saber mais dos autores das propostas de avaliação	27	41	6º	6º
7ª Conhecer o uso dos resultados destas avaliações	22	37	7º	7º
8ª Saber como os resultados eram interpretados	24	38	8º	8º

Desse modo, parece que, mesmo as duas visitantes não respondendo à questão da forma esperada, não houve uma alteração significativa dos resultados depois de seus dados serem incluídos na análise.

As visitantes da Exposição II, conforme mostram as respostas dos questionários, acreditam que para tratar da História da Psicologia, o que seria mais importante é conhecer melhor o período em que os aparelhos eram utilizados.

A Exposição I contou com a presença de estudiosos de História da Psicologia (alguns alunos de Mestrado e Doutorado e uma delas professora de Avaliação Psicológica). Por correio eletrônico, pedimos a esses estudiosos que respondessem à questão 7 do questionário, visando comparar suas respostas com as das alunas que visitaram a Exposição II.

Aplicada aos resultados do grupo de pesquisadores de História da Psicologia a mesma análise, os resultados obtidos foram:

Tabela 4. Ordem de importância atribuída pelos estudiosos de História da Psicologia

estudiosos	Alternativas							
	1 ^a	2 ^a	3 ^a	4 ^a	5 ^a	6 ^a	7 ^a	8 ^a
1	7	8	6	4	2	3	5	1
2	2	5	6	1	7	3	8	4
3	3	8	X	6	X	7	5	4
4	1	8	2	5	6	7	3	4
5	1	8	5	4	7	6	2	3
6	7	8	6	1	2	4	5	3
7	1	8	4	2	7	3	5	6
8	1	8	7	2	5	6	4	3
TOTAL	23	61	36	25	36	39	37	28

A comparação entre estes estudiosos e os estudantes de pedagogia mostra que concordância só existe para a 2^a alternativa: conhecer melhor o período em que os testes eram usados. Nas outras alternativas houve discordância nas posições dos resultados apresentados pelos dois grupos.

Para uma nova comparação com o grupo de estudantes, o grupo de estudiosos em História da Psicologia foi dividido em mestrandos, doutorandos, pesquisadores. Os resultados obtidos foram:

Posição	Mestrandos (1 e 2)	Doutorandos⁶ (3 e 4)	Pesquisadores (5, 6, 7 e 8)	Visitantes Exposição II
1 ^a	Conhecer melhor o período em que eram usados (2 ^a Alternativa) e Conhecer o uso dos resultados destas avaliações (7 ^a Alternativa): 13 pontos	Conhecer melhor o período em que eram usados (2 ^a Alternativa): 16 pontos	Conhecer melhor o período em que eram usados (2 ^a Alternativa): 32 pontos	Conhecer melhor o período em que eram usados. (2 ^a Alternativa): 61 pontos
2 ^a	Saber quem solicitava este tipo de avaliação (3 ^a Alternativa): 12 pontos	Saber mais dos autores das propostas de avaliação (6 ^a Alternativa): 14 pontos	Saber quem solicitava este tipo de avaliação (3 ^a Alternativa): 22 pontos	Saber se ainda são usados ou o que os substituiu (1 ^a Alternativa): 51 pontos
3 ^a	Saber se ainda são usados ou o que os substituiu (1 ^a Alternativa) e Discutir os conceitos envolvidos nestas avaliações (5 ^a Alternativa): 9 pontos	Saber como os resultados eram coletados (4 ^a Alternativa): 11 pontos	Discutir os conceitos envolvidos nestas avaliações (5 ^a Alternativa): 21 pontos	Saber quem solicitava este tipo de avaliação (3 ^a Alternativa): 49 pontos
4 ^a	Saber mais dos autores das propostas de avaliação (6 ^a Alternativa): 6 pontos	Conhecer o uso dos resultados destas avaliações (7 ^a Alternativa) e Saber como os resultados eram interpretados (8 ^a Alternativa): 8 pontos	Saber mais dos autores das propostas de avaliação (6 ^a Alternativa): 19 pontos	Saber como os resultados eram coletados (4 ^a Alternativa): 44 pontos
5 ^a	Saber como os resultados eram coletados (4 ^a Alternativa) e Saber como os resultados eram interpretados (8 ^a Alternativa): 5 pontos	Discutir os conceitos envolvidos nestas avaliações (5 ^a Alternativa): 6 pontos	Conhecer o uso dos resultados destas avaliações (7 ^a Alternativa): 16 pontos	Discutir os conceitos envolvidos nestas avaliações (5 ^a Alternativa): 43 pontos
6 ^a		Saber se ainda são usados ou o que os substituiu (1 ^a Alternativa): 4 pontos	Saber como os resultados eram interpretados (8 ^a Alternativa): 15 pontos	Saber mais dos autores das propostas de avaliação (6 ^a Alternativa): 41 pontos
7 ^a		Saber quem solicitava este tipo de avaliação (3 ^a Alternativa): 2 pontos	Saber se ainda são usados ou o que os substituiu (1 ^a Alternativa): 10 pontos	Saber como os resultados eram interpretados (8 ^a Alternativa): 38 pontos
8 ^a			Saber como os resultados eram coletados (4 ^a Alternativa): 9 pontos	Conhecer o uso dos resultados destas avaliações (7 ^a Alternativa): 37 pontos

Novamente é possível identificar que a concordância entre os grupos só existe para a 2^a alternativa: conhecer melhor o período em que os testes eram

⁶ As alternativas 3 e 5 não foram respondidas por pelo pesquisador 3.

usados, mesmo um dos mestrandos não colocando a 2ª alternativa na primeira posição.

Houve concordâncias entre o do grupo de estudantes com o grupo de doutorandos na 5ª posição, 5ª alternativa (Discutir os conceitos envolvidos nestas avaliações), porém faz-se necessário pontuar que essa semelhança se deu apenas pela resposta da doutoranda 4, pois a doutoranda 3 não incluiu essa alternativa em suas respostas.

Foi possível identificar também concordâncias entre o grupo de mestrandos e pesquisadores na 2ª posição (3ª alternativa: Saber quem solicitava este tipo de avaliação), na 3ª posição (5ª alternativa: Discutir os conceitos envolvidos nestas avaliações), na 4ª posição (6ª alternativa: Saber mais dos autores das propostas de avaliação). Contudo a quantidade de empates no resultado do grupo de mestrandos se deu devido à discordância de suas respostas.

Nas outras alternativas houve discordância nas posições dos resultados apresentados pelos quatro grupos.

Parece que todas as alternativas possuem uma relevância no ensino de História da Psicologia, ficando assim difícil de estabelecer uma seqüência de aspectos mais ou menos relevantes para o ensino. Essa conclusão pôde ser levantada devido à grande variação nas seqüências realizadas pelos pesquisadores de História da Psicologia e pelas visitantes da Exposição II, mesmo com os diferentes critérios de divisão estabelecidos para a comparação. A única alternativa, que foi escolhida por todos os grupos como primeira opção foi conhecer melhor o período em que os aparelhos eram

usados, parece que esta alternativa é entendida como a mais importante em uma exposição que pretende, dentre outras coisas, ser um recurso para ensino da História da Psicologia no Brasil.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando tomei contato com os aparelhos pela primeira vez e vi o cuidado que Pe. João Modesti dava para aqueles objetos e o quanto os instrumentos falavam de sua vida, fiquei motivada a continuar zelando por eles. Hoje, além de reconhecer e divulgar a coleção de Pe. João Modesti como parte da História da Psicologia brasileira, os aparelhos também são parte da minha história profissional.

A intenção do NEHPSI com os aparelhos é dar visibilidade para esses documentos e pensar suas relações com o passado e com o presente. E, se no início tínhamos por objetivo apenas dar a eles seu lugar na história, com a pesquisa aprendemos que a Exposição pode ser também um recurso para o ensino da História da Psicologia no Brasil.

Penso que não estamos agindo na defesa dos aparelhos, mas na defesa da história. Durante a pesquisa pude perceber que esse passado foi abandonado, escondido, destruído. Entendo que esse trato aos aparelhos pode indicar um não reconhecimento desses documentos como parte da identidade da Psicologia brasileira. Muitas instituições se desfizeram de seus laboratórios de Psicologia, talvez por não conseguirem se identificar com os documentos ou na tentativa de desaparecer com essa parte da história da área, por exemplo, a história que permitiu medidas que levaram à discriminação de crianças nas escolas (os inteligentes x os não inteligentes). Entretanto, como defende

FLORES-MENDOSA, NASCIMENTO e CASTILHO (2002)⁷, os testes não devem ser responsabilizados pelas interpretações errôneas de seus resultados e pelas diferenças observadas entre as pessoas; eles apenas retratam essas diferenças.

Na pesquisa pude constatar que para os visitantes ensinar história é também contar sobre o período em que os documentos pertenceram, é possibilitar novamente o encontro dos aparelhos com o tempo no qual atuaram.

Nesta pesquisa pretendia tratar justamente da Exposição como um recurso para o ensino da História da Psicologia e poder registrar a minha história com as Exposições realizadas. Participar das Exposições e acompanhar os aparelhos desde 2004, quando ainda era aluna de graduação em Psicologia, foi e ainda é uma experiência muito gratificante para mim.

Compartilho com os autores utilizados nesta pesquisa e acredito que toda Exposição produz conhecimento e isso foi possível de ser verificado nos depoimentos, nas observações e nos questionários dos visitantes. Começando por mim, aprendi muito promovendo as Exposições, tomando contato com os documentos e no contato com os visitantes. Cada exposição é única, cada público é único e, por isso, continuo aprendendo muito.

Pude perceber que as próximas Exposições podem atender a necessidades dos públicos e serem recortadas e planejadas com o foco em quem irá visitá-las, buscando facilitar a síntese subjetiva e a produção de novos

⁷ Está referencia foi uma contribuição para a Exposição da professora da Faculdade de Psicologia da PUC-SP, Disciplina de TEAP, Maria Cristina P. Rosenthal, anexada ao livro de visitas da Exposição, em maio de 2004.

sentidos. Claro que apresentar toda a coleção é interessante, porém possibilitar recortes que atendam de uma forma mais pontual os diferentes grupos de visitantes pode ser uma estratégia para atender os diversos públicos e criar diversas Exposições a partir de uma única coleção.

Faz-se necessário registrar que há necessidade de cuidar dos documentos para que não sejam danificados. É necessário pensar, juntamente com profissionais da área de restauração e preservação de documentos, os cuidados que deverão ser tomados para garantir maior durabilidade dos aparelhos e dos textos que os acompanham.

Espero e acredito que esta pesquisa tenha trazido contribuições para a Psicologia, para a Psicologia Social e sem dúvida para a História da Psicologia brasileira.

Minha tarefa termina por aqui, porém reconheço que não se esgota. As Exposições continuarão sendo promovidas e alimentadas pelas pesquisas do NEHPSI e esses documentos e a própria Exposição ainda têm muita história para contar e poderão ser objeto e fonte de muitas outras pesquisas.

REFERÊNCIAS

Bibliográficas

ALKMIM, Hélio D. O Laboratório de Dona Helena... **Boletim Claparede**. Fazenda do Rosário, Ibirité – Minas Gerais: Fundação Helena Antipoff.nº 3, março de 1980. p.46-47.

ANTIPOFF, Helena e ASSUNÇÃO, Zilda. Contribution Typologique: **A l'étude de l'ergographie**. Extrait des Archives de Psychologie, Tome XXVI, nº 101-102, Mars-Juin, 1937. p.146-179.

ANTUNES, Mitsuko Aparecida Makino. **A Psicologia no Brasil: leitura histórica sobre sua constituição**, São Paulo: UNIMARCO/EDUC ed., 2007. 129p.

ANTUNES, Mitsuko Aparecida Makino. A Psicologia no Brasil no século XX: Desenvolvimento científico e profissional. In: MASSIMI, Marina (org) e GUEDES, Maria do Carmo (org.). **História da Psicologia no Brasil: novos estudos**. São Paulo: EDUC, Cortez, 2004. p.109-152.

ANTUNES, Mitsuko Aparecida Makino. Algumas reflexões acerca dos fundamentos da abordagem social em história da psicologia. In: BROŽEK, Josef (Org) e MASSIMI, Marina (Org). **Historiografia da Psicologia Moderna: versão brasileira**. São Paulo: UNIMARCO Ed., Edições Loyola, 1998. p.363-374.

BELLOTTO, Heloísa Liberalli. **Arquivos permanentes: tratamento documental**. 2. ed. rev. ampl. Rio de Janeiro: FGV Ed., 2004. 320p.

BOMFIM, Elizabeth de Melo e ALBERGARIA, Maria Teresa Antunes. O Laboratório de Psicologia da Faculdade Dom Bosco de Filosofia, Ciências e Letras de São João Del-Rei. In: CAMPOS, Regina Helena de Freitas e VIEIRA, Rita de Cássia (orgs.). **Instituições e Psicologia no Brasil**. Rio de Janeiro: Trarepa; Brasília, DF: CAPES, 2008. p.167-178.

BRANDÃO, Iolanda Bezerra dos Santos. **A Psicologia desenvolvida pelos salesianos no Brasil**. Tese de Doutorado - Programa de Psicologia Social. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2006. 244f.

BRANDÃO, Iolanda Bezerra dos Santos. **Uma contribuição à história da Psicologia: o caso dos Salesianos em São João del-Rei, MG**. Dissertação de Mestrado - Programa de Psicologia Social. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2001. 278f.

BROŽEK, Josef (Org) e MASSIMI, Marina (Org). **Historiografia da Psicologia Moderna: versão brasileira**. São Paulo: UNIMARCO Ed., Edições Loyola, 1998. 439p.

CENTOFANTI, Rogério. Radecki e a Psicologia no Brasil (1982). In: ANTUNES, Mitsuko Aparecida Makino (org). **História da Psicologia no Brasil: Primeiros Ensaio**. Rio de Janeiro: UERJ/CFP, 2004. p. 177–208.

CURY, Marília Xavier. **Comunicação Museológica – Uma perspectiva Teórica e Metodológica de Recepção**. Tese de Doutorado em Ciências da Comunicação – Universidade de São Paulo, 2005.

CURY, Marília Xavier. **Exposição: Concepção, Montagem e Avaliação**. Ed. Annablume, 2005.

DARCY RIBEIRO. **La Universidad Nueva: Um proyecto**. B.A., Ed. Ciencia Nueva, 1973.

DARCY RIBEIRO. **A universidade necessária**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1969.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. 2ª ed, São Paulo: Universidade São Paulo Ed. 1995. 650p.

FIGUEIREDO, Luís Cláudio. Prefácio. In: JACÓ-VILELA, Ana Maria, FERREIRA, Arthur Arruda Leal, PORTUGAL, Francisco Teixeira (org). **História da psicologia: rumos e percursos**. Rio de Janeiro: Nau. Ed., 2006.

FLORES-MENDONZA, Carmen E., NASCIMENTO, Elizabeth do e CASTILHO, Adail Victorino. **A crítica desinformada aos testes de inteligência**. Revista Estudos de Psicologia, PUC - Campinas, v. 19, n. 2, maio/agosto de 2002. p. 17-36.

GOMES, William B. História da Psicologia para curso de graduação. CAMPOS, Regina Helena de Freitas (org). **História da psicologia: pesquisa, formação, ensino**. São Paulo: EDUC: ANPEPP, 1996.

HOBBSAWM, Eric. **Sobre História**. Tradução Cid Knipel Moreira. São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 1998. 335p.

KARNAL, Leandro (org.) **História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas**. São Paulo: Contexto, 5ª ed., 2008.

KOSIK, Karel. **Dialética do concreto**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1976.

LE GOFF, Jacques (1924). **História e memória**. Tradução Bernardo Leitão, Irene Ferreira e Suzana Ferreira Borges. 5ª edição. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003.

LOURENÇO FILHO, M. B. A Psicologia no Brasil nos últimos 25 anos (1969). In: ANTUNES, Mitsuko Aparecida Makino (org). **História da Psicologia no Brasil: Primeiros Ensaio**s. Rio de Janeiro: UERJ/CFP, 2004. p.109-119.

LOURENÇO FILHO, M. B. A Psicologia no Brasil (1955). In: ANTUNES, Mitsuko Aparecida Makino (org). **História da Psicologia no Brasil: Primeiros Ensaio**s. Rio de Janeiro: UERJ/CFP, 2004. p. 71-108.

MASSIMI, Marina. O processo de institucionalização do saber psicológico no Brasil do século XIX. In: JACÓ-VILELA, Ana Maria, FERREIRA, Arthur Arruda Leal, PORTUGAL, Francisco Teixeira (org). **História da psicologia: rumos e percursos**. Rio de Janeiro: Nau. Ed., 2005. p.159-168.

MASSIMI, Marina. Estudos Históricos acerca da Psicologia brasileira: Uma contribuição. In: CAMPOS, Regina Helena de Freitas (org). **História da psicologia: pesquisa, formação, ensino**. São Paulo: EDUC: ANPEPP, 1996.

MEILI, R. **Manual de Diagnóstico Psicológico**. Madri: Ediciones Morata, 1953. p.90-91.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. Do teatro da memória ao laboratório da história: a exposição museológica e o conhecimento histórico. Anais do Museu Paulista História e Cultura Material, São Paulo, n. 2, 1994. p.9-42.

MOTTA, Júlia Maria. **Fragments da História e da Memória da Psicologia no Mundo do Trabalho no Brasil: Relações entre a Industrialização e a Psicologia**. Tese de doutorado em Saúde Coletiva na Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas. São Paulo. 2004. 238f.

PESSOTTI, Isaías. Notas para uma História da Psicologia Brasileira (1988). In: ANTUNES, Mitsuko Aparecida Makino (org). **História da Psicologia no Brasil: Primeiros Ensaio**s. Rio de Janeiro: UERJ/CFP, 2004. p. 207 – 227.

PESSOTTI, Isaías. Dados para uma História da Psicologia no Brasil (1975). In: ANTUNES, Mitsuko Aparecida Makino (org). **História da Psicologia no Brasil: Primeiros Ensaio**s. Rio de Janeiro: UERJ/CFP, 2004. p. 121–137.

PFROMM NETO, Samuel. A Psicologia no Brasil (1981). In: ANTUNES, Mitsuko Aparecida Makino (org). **História da Psicologia no Brasil: Primeiros Ensaio**s. Rio de Janeiro: UERJ/CFP, 2004. p.139-176.

PIZZOLI, Ugo. O Laboratório de Pedagogia Experimental. São Paulo: Escola Normal Secundária de São Paulo, 1914. 155p.

POSSAMAI, Zita Rosane. Museus e Arquivos: Laboratórios de Aprendizagem e Descobertas. In: LENSKIJ, Tatiana e HELFER, Nadir Emma (org). **A Memória e o Ensino de História**. Santa Cruz do Sul: Edunisc; São Leopoldo: ANPUH/RS, 2000.

PINSKY, Jaime e PINSKY, Carla Bassanezi. O que e como ensinar: Por uma História prazerosa e conseqüente. In: KARNAL, Leandro (org.) **História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas**. São Paulo: Contexto, 5ª ed., 2008.

RAPOLD, Rita de Cássia Markell. **A Psicologia da Educação na Bahia: a história do IDOF pela memória de seus personagens**. Tese de doutorado em Psicologia da Educação na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo. 2003. 225f.

SUANO, Marlene. **O que é museu**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

TAVERNA, Carmem Silvia Rotondano. **A Trajetória da Psicologia rumo à Regulamentação**. Trabalho elaborado para a disciplina Dinâmica dos Movimentos Sociais. Programa de Psicologia Social, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1999. 11p.

TAVERNA, Carmem Silvia Rotondano. O Ensino Superior e a Psicologia no Brasil. In: **Psicologia da Educação**, nº 5 , 2º semestre, 1997. p. 9-33

WERTHEIMER, Michael. Pesquisa histórica – Por quê? In: BROŽEK, Josef (Org) e MASSIMI, Marina (Org). **Historiografia da Psicologia Moderna: versão brasileira**. São Paulo: UNIMARCO Ed., Edições Loyola, 1998. 439p.

Eletrônicas

ALMEIDA, Adriana Mortara. **O contexto do visitante na experiência museal: semelhanças e diferenças entre museus de ciência e de arte**. 2005. site: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=s0104-59702005000400003&lng=pt&nrm=iso – pesquisa realizada em 06 de abril de 2006.

GUEDES, Maria do Carmo. **Pesquisa em Análise do Comportamento na PUC-SP**. CD elaborado para o VIII Labex (Encontro Anual para debate de pesquisa em Análise Comportamental). 2002

IDORT. Site: <http://www.idort.com/History.aspx?subjectId=743F81AF-E4BE-DC11-9D7D-0014220BC504&langId=1&fatherId=1> – pesquisa realizada em 04 de fevereiro de 2009.

JESUS, Fábio. **Centro de Visitantes**. 1998. site: <http://ibama.gov.br/siucweb/guiadechefe/guia/anexos/anexo6/> - pesquisa realizada em 06 de abril de 2006.

LOUREIRO, Inês e BAPTISTA, Marisa Todescan . A história da psicologia como disciplina de mestrado. Relato de uma experiência. *Memorandum*, 12, 2007, p.143-151. Retirado em 08/12/2008, da World Wide Web: <http://www.fafich.ufmg.br/~memorandum/a12/loureibaptista01.pdf>

ANEXOS

ÍNDICE DOS ANEXOS

Anexo 1 – Descrição detalhada dos aparelhos – Apresentação da coleção de Aparelhos doados pelo Pe. João Modesti. (todos os termos usados nesta descrição são tirados dos manuais de instrução que acompanham os aparelhos, exceto os aparelhos Ergógrafo de Mosso, Falso Torno, Tempo de Reação e Teste de Meili, para o qual consultou-se: Antipoff e Assunção (1937), Meili (1953), Brandão (2001) e os catálogos dos aparelhos Falso Torno e Ergógrafo localizados no Centro de Documentação da Faculdade de São João del Rei).

Anexo 2 – Questionário para visitantes da Exposição I.

Anexo 3 – Textos expostos na forma de painéis (História da Psicologia no Brasil. Instrumentos de Avaliação psicológica dos anos 1950 / A Psicologia no Brasil – anos 1950 / A Psicometria Hoje / A crítica à Psicometria).

Anexo 4 – Instruções para manuseio dos aparelhos expostos (também na forma de painéis – Teste de Hanfmann-Kazanin / Caixa de Decroly / Arco de Christiaens / Bloco de Wiggly / Memória sensorial de Lalaume).

Anexo 5 – Referências dos textos que acompanham a exposição.

ANEXO 1

**Descrição detalhada dos aparelhos - Apresentação da coleção de
Aparelhos doados pelo Pe. João Modesti**

Arco para demolir (Arco de Christiaens)

Imagens:



Descrição: O Arco de Christiaens é um teste de inteligência não verbal. Trata-se de um arco formado por nove blocos de madeira maciça, sendo sete blocos móveis e dois fixos. Além do arco, o teste conta também com pequenos pedaços de madeira de diversos tamanhos. **Dimensões:** 0,50 x 0,18 x 0,39 cm
Peso: 5kg

Procedimento / Instrução: Pede-se que o sujeito, diante do arco montado, retire o bloco central sem que os outros caiam. Para realizar essa tarefa ele poderá usar quantos pedaços de madeira quiser da maneira que lhe convier.

Avaliação: O resultado desse teste de inteligência é qualitativo e tem grande valor indicativo do comportamento do sujeito, o que é mais significativo do que o êxito na execução da tarefa. O gesto, a mímica, as interjeições espontâneas são reveladoras e permitem que o examinador reconheça no sujeito um destes tipos:

- **Tipo Reflexivo e Inteligente:** Na presença do arco, sua primeira atitude é de imobilidade. Observa com atenção, examina os pedaços de madeira e verifica os diversos tamanhos.
- **Tipo Superficial:** Mostra-se seguro de si, presunçoso, sorri com facilidade e nem por um instante cogita que poderá não se sair bem. Quando seu fracasso é evidente, tem necessidade de desculpar-se.
- **Tipo Nervoso:** Seus gestos são irregulares, precipitados, desviam da finalidade; para sair-se bem, o sujeito precisa despender um grande esforço, o que é revelado por rugas na frente. O indivíduo apercebe-se

desse seu estado, mas não consegue dominar os músculos. O nervosismo tende a aumentar durante a execução da tarefa.

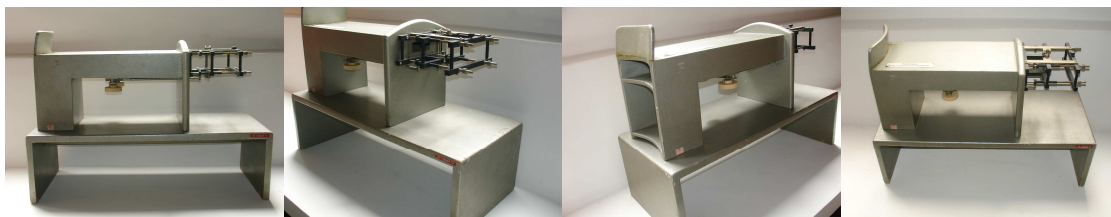
- **Tipo Apático:** Apresenta-se indiferente, tranquilo e não revela nenhum esforço para realizar a tarefa.
- **Tipo Violento:** Apresenta-se de maneira rude e impulsiva. É reconhecido pela tendência de forçar as peças sem necessidade e pelos movimentos bruscos e duros.

Quanto à inteligência, os sujeitos são avaliados como:

- **Não inteligentes:** quando há uma impotência absoluta para a solução da tarefa.
- **Médios inferiores:** quando a solução da tarefa ocorre, mas é muito imperfeita.
- **Bons:** quando a solução da tarefa é boa, porém imperfeita.
- **Ótimos:** quando a solução da tarefa é sem dúvida boa e perfeita.

Batoscópio

Imagens:



Descrição: O Batoscópio tem por objetivo avaliar a percepção de profundidade. Trata-se de um esteriométrico de Michette, simples aparelho prismático retangular, fechado numa espécie de caixa que permite eliminar as influências das sombras. Na parte posterior do aparelho há três fios de nylon, sendo o do centro fixo e os outros dois móveis, uma lâmpada (120v) que ilumina os fios (dispensável), duas roscas mediante as quais o examinando deve movimentar os fios móveis e duas escalas correspondentes aos fios móveis, que servem para calcular o afastamento dos fios (em mm e 0,1 mm); na parte anterior há uma espécie de janela com um apoio para a cabeça e óculos escuros. **Dimensões:** 0,73 x 0,30 x 0,52 cm **Peso:** 8kg

Procedimentos / Instrução: Antes de se submeter a esse aparelho, o sujeito deve fazer um exame de vista (visão de perto ou de longe) no optômetro. Em seguida, mostra-se ao sujeito o Batoscópio, convidando-o a apoiar a cabeça no lugar apropriado e a olhar os três fios pela janela, observando que enquanto o fio do meio é fixo, os outros dois são móveis. Explica-se como se manuseia as roscas e deixa-se o sujeito experimentar para se familiarizar com o aparelho. Em seguida é dada a orientação para que ele olhe pela janela e, ao encontrar um ou dois fios afastados para frente ou para trás, disponha os três fios em linha reta.

A experiência se desenvolve em três tempos, para controlar sucessivamente a visão binocular, a direita e a esquerda com o auxílio dos óculos. Cada tempo consta de três provas, assim distribuídas:

- I e II prova: O sujeito deve regular, em relação a dois fixos, ora o fio da esquerda, ora o da direita por 5 vezes consecutivas. O fio móvel é

movimentado pelo experimentador – ora para frente, ora para trás dos outros dois já paralelos.

- III- prova: Um fio está fixo, os outros dois são movimentados pelo examinador. A tarefa do examinando é deixar todos os três fios paralelos. Essa prova também se repete por 5 vezes.

Em cada uma das provas se registra o afastamento dos dois fios em relação ao zero da escala. Marca-se com o sinal de + o afastamento para mais longe do examinando em relação ao fio fixo, e com o sinal de – quando for o contrário.

Avaliação: Através de uma escala se podem ser verificados os desvios das respostas, que por sua vez confrontam com normas próprias.

Bloco de Wiggly

Imagens:



Descrição: O Bloco de Wiggly tem por objetivo verificar a engenhosidade mecânica dos sujeitos submetidos ao teste, além de medir paciência, ordem, domínio de si, impulsividade, constância, destreza, habilidade manual, agilidade dos dedos; também contribui para psicodiagnósticos sobre a estrutura intelectual do examinado. Trata-se de um paralelepípedo de madeira composto de nove peças recortadas segundo linhas recurvas e encaixadas umas nas outras de maneira a formarem um sólido bloco. **Dimensões:** 15 x 15 x 26 cm
Peso: 4Kg

Procedimentos / Instrução: É comunicado ao examinando que observe atentamente o bloco montado e como suas nove peças estão dispostas durante 30 segundos, para que posteriormente possa montá-lo o mais rápido possível. Durante o período de observação volta-se a atenção para alguns tipos de comportamentos do examinando como, por exemplo, alguns observam o bloco sem tocá-lo; outros desmontam peça por peça, observando minuciosamente cada uma delas; o tempo que lhes é concedido não permite conduzir a tempo sua observação; outros observam desmontando o bloco camada por camada, mas sem decompor as camadas e as três peças de que constam. Passados 30 segundos de observação o examinador decompõe o bloco seguindo a seguinte ordem:

Começando da esquerda, tiram-se as três peças da primeira camada e põem-se, distanciadas uma da outra cerca de 20 cm, defronte do examinado nesta sucessão:	1	2	3
Decompõe-se a segunda camada e colocam-se as três peças entre as três primeiras, donde resulta esta sucessão:	1 4	2 5	3 6
Tomam-se as últimas três peças e se dispõem entre as da primeira e as da segunda camada nesta maneira:	1 7 4	2 8 5	3 9 6
A esta altura desloca-se o nº 7 e o nº 3, o nº 4 e o nº 9, obtendo a seguinte sucessão:	1 3 9	2 8 5	7 4 6

Isso feito aproxima-se as peças e dá-se ao examinando a ordem de reconstruir o bloco. O examinador deve registrar o tempo despendido para realizar a tarefa.

Avaliação:

Classificação	tempo	Descrição	Interpretação Psicológica
Inaptos	- 25'	1- Mostram não ter nenhum plano construtivo; parecem não ter notado nem as peças de ângulo, nem a peça central, nem as peças laterais. Seguem-se várias tentativas de junções de peças que se encaixam perfeitamente, mas os encaixes de umas nas outras não é encontrado, uma vez que as nove peças só se unem bem numa posição determinada; assim o examinando constrói e reconstrói o bloco, várias vezes sem um fio condutor de ação.	O proceder com tentativas puras de comportamento do tipo nº 1, em que, por assim dizer, a ação precede o pensamento e em que igualmente pode acontecer de o pensamento ser impedido pela ação. Parece assistir a um extravio do examinando que remexe as nove peças em todos os sentidos, sem reflexão nem plano lógico, em que quase é o acaso que faz encontrar o encaixe exato entre as várias posições possíveis das peças. Não se pode falar aqui em trabalho inteligente. Em geral, os examinandos dessa categoria são aqueles que observam mais minuciosamente o bloco, quer sem tocá-lo quer desmontando-o peça por peça.
Débeis	de 12' a 17'	- 2- Subdividem antes os vários tipos de peças, deixando à parte a peça central. Reúnem assim as quatro peças de ângulos e as quatro peças laterais e depois começam a reconstrução procedendo por tentativas.	O proceder por tentativas segundo um plano empírico-racional. Aproveitando da sua observação anterior, o examinando, antes de pôr-se ao trabalho, faz uma judiciosa escolha de seus materiais; se bem que proceda ainda por tentativas, ele sabe controlá-las e desfrutá-las com propriedade.

Classificação	tempo	Descrição	Interpretação Psicológica
Médios	de 6' a 9'	3 - Outros procedem com junções de grupos de duas peças (uma de ângulo e uma lateral). A reconstrução efetua-se pela junção dos 4 grupos de duas peças e da peça central.	O proceder em vista do fim a alcançar, o pensamento precede a ação. O examinando formula explicitamente o problema, estuda metodicamente as faces e os pares de peças e procura, na prática, uma linha, um esquema de construção. Tem-se o predomínio da inteligência sensório-motriz.
Bons	3' a 4,5'	4- O examinando reconstrói o bloco camada por camada, como se construísse um edifício, tendo cuidado de procurar antes as duas peças da camada inferior que estão nos ângulos externos e depois as de centro; procura depois as duas externas da camada intermediária e em seguida a peça central; por fim, procura as últimas duas peças externas e a mediana.	O proceder em vista do fim a alcançar, o pensamento precede a ação. O examinando formula explicitamente o problema, estuda metodicamente as faces e os pares de peças e procura, na prática, uma linha, um esquema de construção. Tem-se as junções mais racionais e o problema é mais intelectualizado.
Ótimos	2' e -	5- Um último grupo de examinados procede à reconstrução pilha por pilha, reconstruindo antes as duas pilhas externas e depois a do meio.	O proceder em vista do fim a alcançar, o pensamento precede a ação. O examinando formula explicitamente o problema, estuda metodicamente as faces e os pares de peças, e procura, na prática, uma linha, um esquema de construção. Tem-se o predomínio da inteligência lingüístico-especulativa (quem mais quem menos segundo os examinandos) sobre a intuição sensório-motriz. Às vezes o excesso de autocritica complica o problema e impede o funcionamento normal do pensamento lingüístico especulativo.

Bomba de Schulz

Imagens:



Descrição: O aparelho tem por objetivo avaliar a inteligência prática e técnica e a capacidade de execução de atividades manuais. Trata-se de uma base de madeira, uma placa metálica com o mesmo formato da base de madeira, três parafusos rosqueados, três porcas, quatro pequenas barras cilíndricas, quatro parafusos rosqueados, duas lâmina em forma de quadrilátero irregular, um cilindro central, uma manivela, um puxador, um pêndulo, uma biela, um eixo, dois pistões, dois êmbolos para os pistões e dois cilindros. **Dimensões:** 25 x 29 x 8,5 cm **Peso:** 2,5Kg

Procedimento / Instrução: Esse teste era realizado em duas etapas:

1ª etapa: Montagem da Plataforma

Eram colocadas a disposição do sujeito todas as peças necessárias para a montagem da plataforma. O examinador o informava que todas as peças se adaptavam muito bem, sem a necessidade de forçá-las. Pedia-se que o sujeito combinasse as peças de um modo lógico, utilizando todas as peças. O examinador não devia dar ao sujeito nenhuma dica de como realizar a tarefa e deveria registrar, além dos comportamentos da pessoa que estava realizando o teste, o tempo que ela levava para realizar cada uma das fases de montagem: Montar a placa metálica junto a base de madeira e fixá-las com os parafusos; Fixar as colunas; Adicionar a lâmina de metal em forma de um quadrilátero irregular; e fixar a placa com parafusos. Ao término da tarefa o examinador somava o tempo total despendido para realizá-la.

2ª etapa: Montagem da Bomba

Nesta etapa, pedia-se que a pessoa substituísse o quadrilátero irregular por outro e depois fixasse a nova placa com os quatro parafusos. Depois disso o examinador apresentava ao sujeito as outras peças e o solicitava que

montasse uma bomba utilizando todas as peças, sem exceção. Novamente a pessoa era informada que as peças se adaptam bem e não era necessário forçá-las. O examinador comunicava que no final da tarefa a bomba teria o movimento característico de vai-e-vem. Nesta etapa o examinador também não devia dar ao sujeito nenhuma dica de como realizar a tarefa e deveria registrar, além dos comportamentos da pessoa que estava realizando o teste, o tempo que ela levava para realizar cada uma das doze fases dessa etapa: Colocar o sustentáculo central; colocar os dois cilindros, colocar os discos nos pistões; fixar os dois pistões nos cilindros; alinhar o cilindro central com os dois cilindros; colocar o pêndulo; fixar os discos no pêndulo; colocar a manivela; fixar a manilha; colocar a biela; fixar o eixo na biela; fazer funcionar a bomba. Ao termino da tarefa o examinador somava o tempo total despendido para realizá-la.

Avaliação:

1ª etapa: Montagem da Plataforma

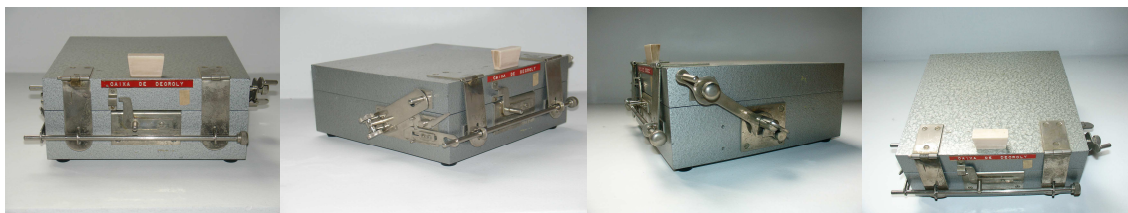
Decis	Tempo	
	Meninos	Meninas
10	1 minuto	2 minutos
9	1 minuto e 50 segundos	3 minutos e 40 segundos
8	2 minutos e 30 segundos	5 minutos e 10 segundos
7	3 minutos e 10 segundos	6 minutos e 15 segundos
6	3 minutos e 35 segundos	7 minutos e 40 segundos
5	4 minutos	9 minutos e 10 segundos
4	4 minutos e 25 segundos	11 minutos e 45 segundos
3	5 minutos e 15 segundos	13 minutos e 50 segundos
2	7 minutos e 30 segundos	15 minutos e 50 segundos
1	9 minutos e 41 segundos	17 minutos e 20 segundos
	14 minutos	25 minutos

2ª etapa: Montagem da Bomba

Não há informações de como era avaliada a segunda etapa do teste.

Caixa de Decroly

Imagens:



Descrição: A caixa de Decroly é um teste de inteligência não verbal. Trata-se de uma caixa de madeira, pintada de prateado, com diversas travas de ferro divididas em cinco operações. **Dimensões:** 0,34 x 0,25 x 0,15 cm **Peso:** 5kg

Procedimento / Instrução: Pede-se que o sujeito abra a caixa. O examinador recomenda que examine o aparelho com atenção, da maneira como achar melhor; para isso ele terá três minutos. Somente quando o sujeito se achar capaz de abrir a caixa se conta o tempo e se inicia a tarefa.

Avaliação: Assim como no Arco de Christiaens, o resultado desse teste de inteligência é qualitativo, com um grande valor indicativo do comportamento do sujeito, que é mais significativo do que o êxito na execução da tarefa. O gesto, a mímica, as interjeições espontâneas são reveladoras e permitem que o examinador reconheça no sujeito algum destes tipos:

- **Tipo Reflexivo e Inteligente:** Na presença do arco, sua primeira atitude é de imobilidade. Observa com atenção, examina os pedaços de madeira e verifica os diversos tamanhos.
- **Tipo Superficial:** Apresenta-se seguro de si, presunçoso, sorri com facilidade e não duvida, nem por um instante, de que se sairá bem. Quando seu fracasso é evidente, tem necessidade de desculpar-se.
- **Tipo Nervoso:** Apresenta gestos irregulares, precipitados, que não cumprem a finalidade; para sair-se bem, é necessário grande esforço, revelado por rugas na fronte. Apercebe-se desse seu estado, mas não pode dominar seus músculos. O nervosismo tende a aumentar durante a execução da tarefa.

- **Tipo Apático:** Apresenta-se indiferente, tranquilo e não revela nenhum esforço para realizar a tarefa.
- **Tipo Violento:** Apresenta-se de maneira rude e impulsiva. São reconhecidos pela tendência a forçar as peças sem necessidade e pelos seus movimentos bruscos e duros.

Quanto à inteligência os sujeitos são avaliados como:

- **Não inteligentes:** quando os sujeitos são incapazes de resolver qualquer operação.
- **Médios inferiores:** quando os sujeitos solucionam apenas as duas primeiras operações.
- **Médios Superiores:** quando os sujeitos resolvem a terceira e a quarta operação, podendo chegar a abrir a caixa, porém em mais de cinco minutos.
- **Ótimos:** quando os sujeitos abrem a caixa em menos de cinco minutos.

Cinestesiômetro

Imagens:



Descrição: O aparelho tem por objetivo medir a memória motórica, o poder de controle, sugestionabilidade, automatismo, além de informar sobre qualidades caracterológicas. Trata-se de uma caixa de metal com uma haste que amplia e reduz o espaço disponível. **Dimensões:** 39 x 35 x 10cm **Peso:** 7Kg

Procedimentos / Instrução: O aparelho era colocado entre o examinador e o examinando. O botão deveria ficar a direita do examinando que durante o teste permanecia de pé. O examinador deveria disponibilizar para o examinando um lápis grafite bem apontado, de forma que conseguisse penetrar no aparelho.

Era demonstrado ao examinando o que ele deveria fazer e dado um tempo para que pudesse treinar. A instrução era de que o sujeito deveria traçar uma linha, sem apoiar os cotovelos e obedecendo as ordens do examinador. Quando o examinador dissesse “obstáculo”, o indivíduo deveria traçar uma reta até o obstáculo e voltar para a posição inicial. Quando o examinador dizia “livre”, não havia obstáculo, mas o examinando deveria tentar traçar uma linha igual a traçada quando o obstáculo estava presente e retornar ao ponto de partida. Para esse teste o sujeito deveria usar óculos escuro e opaco que tampasse sua visão. O teste era dividido em três partes:

1ª parte – Parte com ordens (ritmo alternado)

O obstáculo aparecia cinco vezes durante a prova e o examinando deveria traçar também, depois de cada linha com o obstáculo uma linha livre. Não variava o deslocamento do obstáculo, que era sempre de 8 cm, variavam a intensidade das ordens dadas aos examinando.

1ª ordem (obstáculo e livre) – cadência regular

2ª ordem (obstáculo e livre) – cadência rápida

3ª ordem (obstáculo e livre) – cadência lenta

4ª ordem (obstáculo e livre) – cadência fraca

5ª ordem (obstáculo e livre) - cadência forte

Ao final da primeira parte era dado um tempo de descanso ao examinando e explicado as etapas que se seguiriam. Não era permitido retirar o óculos, porém se necessário retirá-lo o sujeito não podia ter acesso ao trabalho realizado por ele.

2ª Parte – Livre em silêncio

Era dito ao examinando que depois de alguns traços com o obstáculo ele seria retirado e o sujeito deveria continuar traçando linhas buscando sempre igualá-las aquelas traçadas com o obstáculo. O examinador deixa o obstáculo até o sujeito traçar aproximadamente cinco linhas e depois informava o sujeito que deveria traçar as linhas livre. Enquanto o examinando traçava as linhas o examinador deslocava a canaleta até a metade da secção. O Examinador colocava o obstáculo novamente e repetia a operação.

3ª Parte – Livre com conversa

Encerrada a segunda parte, o examinador colocava novamente o obstáculo e pedia que o sujeito continuasse traçando linhas, sempre no mesmo lugar. Enquanto traçava o examinador iniciava uma conversa, retirava o obstáculo e deslocava a canaleta. O sujeito era instruído a não parar de responder as perguntas do examinador, a conversa deveria durar até o final da prova. As perguntas eram referentes a teste: o que pensava dele; quais as fases mais difíceis para ele; se houve algo que o impressionou; se utilizou de algum recurso para conseguir traçar as linhas de forma igual, dentre outras.

Avaliação: Para a realização da avaliação o examinador deveria, durante as etapas, registrar o comportamento, a velocidade e o ritmo do examinando, além de se certificar se o traço era bem acentuado, regular ou não e verificar se ao final dos traços houve hesitação ao parar.

1ª Parte

Era verificado se o sujeito obedecia as ordens precisamente, como era realizada adaptação, como se dava a aprendizagem e se o ritmo era regular. Caso não fosse:

ritmos	Perfil
Mais lento que rápido	Sujeitos Apáticos, linfáticos, prudentes, sem confiança em si. Paradas parciais podem indicar desconfiança ou gosto acentuado de precisão.
Vivo, rápido ou acelerado	Sujeitos ativos, nervosos, impulsivos, pouco atentos ou muito confiantes em si mesmo.
Lento que se torna rápido	Sujeitos que aprenderam
Rápido que se torna lento	Sujeitos com pouca tenacidade e facilidade para o cansaço

2ª Parte

Verificava-se se o examinado apresentava o automatismo necessário.

3ª Parte

Era observado se o individuo tinha a capacidade de distribuir sua atenção na conversa e na tarefa, podendo desta forma demonstrar seu poder de autocontrole.

Interpretação dos traços

Geral:

Traços		Comportamentos
Traço coincide exatamente com o lugar do obstáculo		Controle perfeito e automatismo perfeito
Traços param antes da linha do obstáculo		Falta de confiança, timidez, inibição, prudência exagerada e controle avançado.
Traços que ultrapassam a linha do obstáculo	Ultrapassam muito	Falta de controle, impulsividade, falta de domínio
	Ultrapassam pouco	Vitalidade, confiança, exuberância
	De inicio chega próximo a linha do obstáculo e depois a ultrapassa	Muita prudência, capacidade de esforço e constância.
	De inicio ultrapassa e depois se aproxima da linha do obstáculo	Perda de controle, instabilidade.

Particular:

- Referente a motricidade

1ª Parte

Memória Cinestésica – capacidade do sujeito de reproduzir o movimento sem nenhuma referência. Essa medida era calculada medindo em milímetros (mm) o traço que mais passou da linha central ou o que menos passou.

Regularidade Motórica – Refere-se a regularidade na precisão dos movimentos. Esse dado era obtido calculando a distância em milímetros entre a extremidade do traçado mais curto e a do traçado mais longo das 5 ordens da 1ª parte da avaliação e depois tirava-se a média.

Dinamismo – É a capacidade do sujeito de arrastar outros e/ou se colocar para a ação. Esse dado era obtido observando o ponto central do traçado, compreendendo as extremidades dos traçados mais longos e mais curtos das 5 ordens da 1ª parte do teste e medindo em milímetro a distância entre o ponto central e a linha do obstáculo. Era atribuído o sinal positivo se ultrapassasse a linha do obstáculo e negativo caso não passasse.

Os valores obtidos eram confrontados com os dados da tabela a baixo:

Avaliação da motricidade	Mínima		Suficiente	Média		Boa		ótima	
	mm	mm	mm	mm	mm	mm	mm	mm	mm
Memória Cinestésica	50	40	35	30	25	20	15	10	5
Regularidade Motórica	60	50	40	35	30	25	20	15	10
Dinamismo	-15	-10	-5	0	+5	+10	+15	+20	+25

- Referente aos aspectos caracterológicos-temperamentais

	Gráfico	comportamentos
Dependente social		Segue mais ou menos os diversos tons de voz do examinador
Indiferente		Não liga as variações de voz do examinador mantendo sua monotonia
Independente revoltado		Faz o contrário do que é sugerido pela voz do examinador

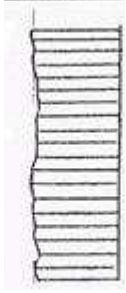
2ª Parte

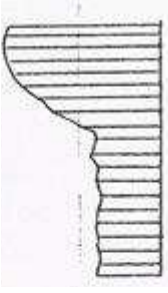
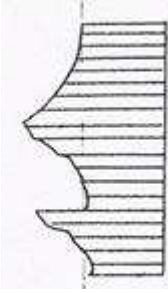
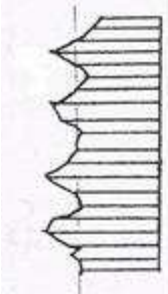
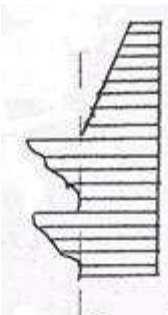
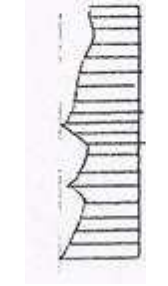
Os dois traçados realizados em silêncio davam indicações quanto a vitalidade interior do examinando e também informações sobre o modo de se controlar, confrontando a relação do traçado com a linha do objeto. Caso o traçado não ultrapassasse a linha do meio estaria indicando pouca vitalidade, dependência nas situações cotidianas.

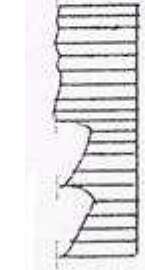
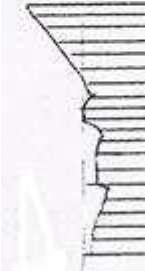
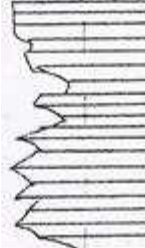
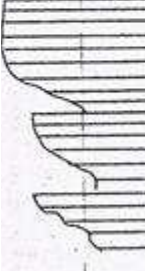
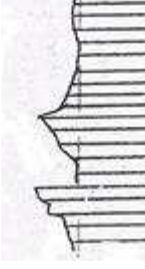
3ª Parte

Nesta etapa era possível compreender quais as possibilidades de adaptação de um indivíduo em um ambiente. Nessa parte da prova se as linhas traçadas pelo sujeito não ultrapassassem a linha central e se apresentam fortemente marcadas era considerado que o sujeito tinha sua capacidade de produção reduzida se trabalhasse com outras pessoas.

Indicações caracterológicas dos sujeitos podiam ser deduzidas conforme a apresentação de seus traçados nas duas últimas partes da prova.

Traços	Interpretações
	<p>Boa percepção do movimento devido a uma grande concentração – Pode Indicar má atenção distribuída e debilidade de fundo.</p>
	<p>Boa percepção do movimento - boa capacidade de concentração e de distribuição da atenção - automatização. Equilíbrio, vontade e energia.</p>

Traços	Interpretações
	<p>Concentra-se para agir bem. Quando perde a concentração, mostra seu caráter - pouca capacidade de dividir sua atenção e perda do automatismo.</p>
	<p>Apresenta um crescente de atividade e mostra decisão. Quando surpreendido por imprevistos se perde temporariamente, recuperando a atenção.</p>
	<p>Natureza irregular de fundo, submetida a variações em altos e baixos. Indivíduo facilmente influenciável – instável.</p>
	<p>Há uma tentativa de mostrar exuberância de energias, porém, na realidade, tem um fundo débil e perde as forças perante dificuldades, por debilidade ou inibição. A pouca capacidade de dividir a atenção se deve especialmente à falta de energia.</p>
	<p>Natureza débil, não há recursos e nem energia. Inibição acentuada.</p>

Traços	Interpretações
	<p>Natureza aparentemente débil, porém mais enérgica do que parece. Pouca confiança em si. Indicadores de complexo de inferioridade.</p>
	<p>Tipo muito raro – inibição passageira; necessidade de diversidade; natureza débil que apresenta dificuldade em posicionar-se em atividade, a não ser por impulso de outros.</p>
	<p>Indivíduo sem controle de si; não apresenta o sentido da medida, quer física, quer moral. Péssima automatização.</p>
	<p>Decidido, com bastante vitalidade, age focado no trabalho sem preocupar-se com o resto. Deixa-se conduzir pela sua exuberância de energia; não possui capacidade de dividir a atenção e nenhum controle do automatismo.</p>
	<p>Decidido, tem excesso de energia, fundamentalmente prudente. Atenção operosa e viva. Reage imediatamente frente a dificuldades inesperadas com um aumento de prudência e atenção.</p>

Conflitógrafo

Imagens:



Descrição: O aparelho tem por objetivo estudar os conflitos de ordem motora. Trata-se de uma prancha com quatro lâmpadas, dois pares de cores diferentes, um anteparo, um painel de comando e folhas de papel sulfite. Há na prancha, um encaixe, como uma moldura, para segurar a folha de sulfite. No enquadre da folha existe um semicírculo, onde deve ser colocado o lápis do examinando no início da prova. As lâmpadas estão localizadas do lado oposto a esse semicírculo ainda no enquadre, duas (uma verde e uma vermelha) na parte superior da moldura e duas (uma vermelha e uma verde) na parte inferior. Depois das lâmpadas está o anteparo protegendo da visão do examinado os interruptores que acendem as lâmpadas e serão acionados durante a prova pelo examinador, o anteparo impede que o examinando veja os movimentos do examinando, mas não impede o examinador de observar os comportamentos do examinando. **Dimensões:** 52 x 28 x 60cm **Peso:** 7Kg

Procedimento / Instrução: Para se submeter a esse teste o indivíduo não podia em hipótese nenhuma conhecer seus procedimentos. A avaliação era dividida em três partes. Pedia-se que cada etapa fosse realizada por um indivíduo diferente e que ele não tivesse acesso as provas de seus anteriores. O tempo de duração do pressionar o interruptor e acender a lâmpada era de aproximadamente 1 segundo e em todas as instruções o examinador devia enfatizar a rapidez na resposta.

1ª parte (aproximação – aproximação)

A instrução para o examinando que participasse dessa parte da avaliação era que respondesse o mais rápido possível ao estímulo da luz verde, traçando com o lápis uma reta, saindo do semicírculo, até a lâmpada que se acendesse. O indivíduo era informado de que ora a luz verde se

acenderia na parte de cima da prancha ora na parte de baixo. O examinador demonstrava ao sujeito como acenderia as luzes e depois da demonstração fixava a folha de sulfite e convidava o indivíduo a realizar a prova. O examinador acendia as luzes aleatoriamente e sem que o examinando previsse, em um determinado momento do teste, acendia as duas lâmpadas ao mesmo tempo e observava sua reação.

2ª parte (afastamento - afastamento)

A instrução era a mesma da primeira parte, o que mudava é que as lâmpadas que eram acessas eram as vermelhas e a linha deveria ser traçada não na direção do estímulo, mas no seu lado oposto. Desta forma quando se acendesse a luz vermelha na parte de cima da prancha, o sujeito deveria traçar uma reta até a luz verde na parte de baixo. Em um dado momento da prova as duas lâmpadas vermelhas eram acessas ao mesmo tempo e o examinador observava a reação do indivíduo.

3ª parte (aproximação - afastamento)

Nesta parte o examinando era orientado a responder o estímulo o mais rápido possível e de formas diferentes. Apenas as luzes da parte de cima da prancha se acenderam e a instrução é que o quando a luz verde fosse acessa, o sujeito deveria traçar uma linha do ponto de partida até a lâmpada. Caso a luz vermelha fosse acessa o sujeito deveria traçar uma reta do ponto de partida ao lado oposto o da lâmpada acessa. O examinador demonstra acendendo as luzes na seguinte seqüência: **vermelha** – **verde** – **vermelha** – **vermelha** – **verde** – **verde** – **verde** – **vermelha** – **verde** – **vermelha** – **verde** – **verde** – **vermelha** – **verde** – **vermelha** – **vermelha**.

Depois que o papel é fixado o examinador acendia as lâmpadas na seguinte seqüência: **verde** – **vermelha** – **vermelha** – **verde** – **verde** – e nesse momento eram acessas as duas lâmpadas ao mesmo tempo.

Avaliação:

Não há informações de como era avaliado este teste.

Ergógrafo

Imagens:

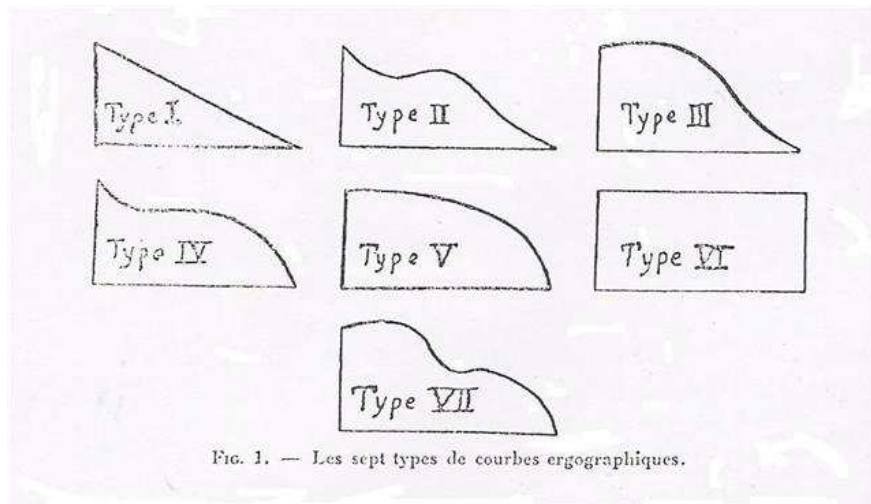
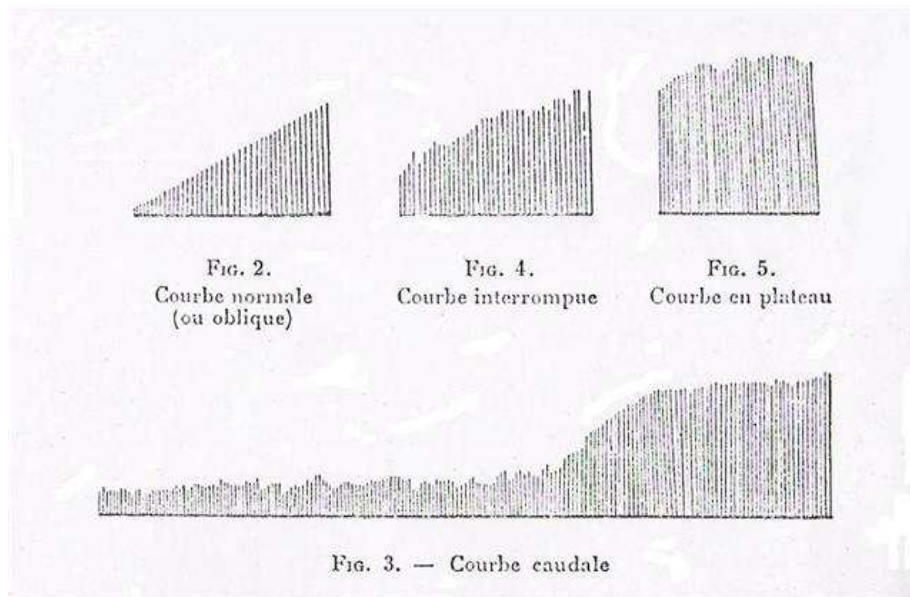


Descrição: O aparelho tem por objetivo medir a fadiga muscular, resultante do esforço físico e intelectual. Esse aparelho foi inventado pelo médico italiana Mosso. Trata-se de uma pequena mesa de madeira onde está fixado o aparelho que é composto de uma braçadeira com uma argola, pesos e um cilindro onde é colocada uma folha de papel para registrar em forma de gráfico os movimentos realizados. **Dimensões:** 92 x 26 x 28 cm **Peso:** 23,5Kg

Procedimento / Instrução: O examinando era orientado a fixar seu braço na braçadeira e colocar seu dedo médio na argola. Quando o sujeito levantava o dedo acionava uma alavanca que levantava um determinado peso, que variava conforme a idade do indivíduo. Ao puxar a alavanca com o dedo médio, um cilindro se movimentava simultaneamente registrando um gráfico do movimento realizado. Quando o sujeito não conseguia mais levantar o peso era finalizada a prova e interpretado o seu “ergograma” (gráfico registrado durante o teste).

Avaliação: A avaliação era realizada a partir do ergograma formado durante a prova e podiam revelar traços da personalidade do examinado. **(existem outras avaliações mas estão em francês)**

- Curva “plateau” – era encontrada em pessoas impulsivas, muito ativas, pouco controladas, violentas, dominadoras e com um comportamento social independente.
- Curva caudal – era encontrada em pessoas, pacientes, cuidadosas, meticulosas, submissas em seus deveres e conduzidas pelo automatismo.



Falso Torno

Imagens:

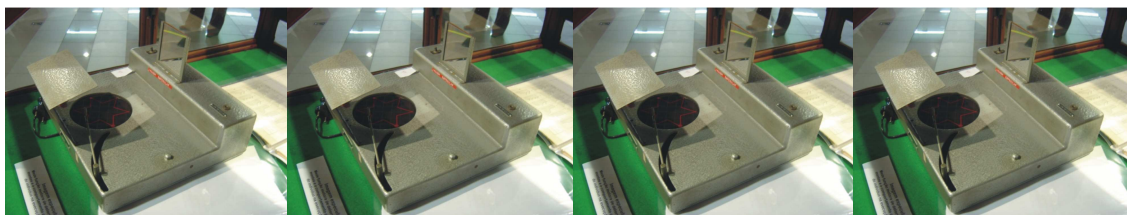


Descrição: O aparelho tem por objetivo avaliar a capacidade de dissociação e coordenação bimanual. Revela também, além das capacidades motóricas, dotes intelectuais (raciocínio, memória), adaptação, atenção, emotividade e características do trabalho manual, regularidade, fatigabilidade, rapidez de reações. Trata-se de uma caixa de metal, com duas manivelas, que faz o movimento de cima para baixo e outra que faz o movimento da esquerda para a direita e com uma haste contornam um desenho em uma placa de acrílico. Toda vez que a haste sai do desenho, a lâmpada acende. **Dimensões:** 27 x 43 x 27cm **Peso:** 7 Kg

Não temos informações quanto aos procedimentos, instruções de aplicação e avaliação desse aparelho.

Imagem Especular

Imagens:



Descrição: O instrumento da Imagem Especular tem por objetivo medir a função motora de determinados movimentos e o comportamento caractereológico do indivíduo na execução da tarefa. Trata-se de uma caixa de metal com um espelho, cuja inclinação pode ser regulada à vontade, e uma haste também de metal. O espelho reflete a imagem de uma figura geométrica, semelhante a uma estrela vermelha, oculta por um anteparo. O aparelho pode ser ligado em qualquer fonte de alimentação elétrica, visto que está munido de um comutador para tensões (voltagens) universais. **Dimensões:** 0,34 x 0,35 x 0,14 cm **Peso:** 3kg

Procedimentos / Instrução: O sujeito deve seguir o traçado de estrela por meio do espelho, contornando-o com a haste de metal que é munida de uma célula fotoelétrica que é excitada pelo raio infra-vermelho da figura. Uma lâmpada-vigia, localizada à direita do espelho, no próprio aparelho, acende quando a haste sai do contorno da figura, fornecendo assim o levantamento dos erros do sujeito. Essa lâmpada-vigia pode servir também para que o indivíduo possa ser advertido dos erros que comete. O examinador deve registrar o tempo de duração da prova.

O aparelho possui uma entrada para um relógio contador de erros O.C.E.-3, que computa o total de erros e a duração da tarefa, que também pode ser utilizado pelo examinador.

Avaliação: Nada consta sobre como era realizada a avaliação deste instrumento.

Rodelas de Pikorkowski

Imagens:



Descrição: A prova das Rodelas de Pikorkowski fornecem para os psicotécnicos úteis apreciações quanto aos dotes físicos (acuidade visual, destreza manual, delicadeza e segurança dos gestos), dotes intelectuais (bom senso, compreensão e astúcia), dotes caractereológicos (impulsividade, emotividade) e hábitos de trabalho (espírito de observação, paciência, automatismo, perfeccionismo). Trata-se de um suporte com pequenas hastes e 15 rodelas de metal, enfiadas nas hastes, com alguns furos a mais do que a quantidade de hastes.

Dimensões: 0,25 x 0,15 x 0,03 cm **Peso:** 1kg

Procedimentos / Instrução: Tiram-se as 15 rodelas do suporte e pede-se que o sujeito enfie todas as rodelas nas hastes novamente, alertando-o de que as rodelas têm furos a mais do que o número de pequenas hastes. Durante a execução da tarefa, o examinador deve tomar nota do tempo empregado para enfiar a 1ª rodela (compreensão) e do tempo empregado para enfiar as 14 rodelas restantes (habilidade). Terminada a tarefa, o examinador retira novamente as 15 rodelas e recomeça a operação. Anota-se o tempo empregado para enfiar as 15 rodelas (aprendizagem). É interessante tomar nota do comportamento do examinado, especialmente no início e quando se pede para recomeçar a prova logo depois da primeira vez.

Avaliação:

	inaptos e débeis	médios	bons	ótimos
Tempo gasto para enfiar a 1ª rodela	5'09"	1'5"	41"	31"
Duração da 1ª prova (14 rodela)	5'48"	3'42"	2'32"	1'46"
Duração da 2ª prova (15 rodela)	3'55'	2'35"	1'52"	1'21"

Tempo de Reação

Imagens:

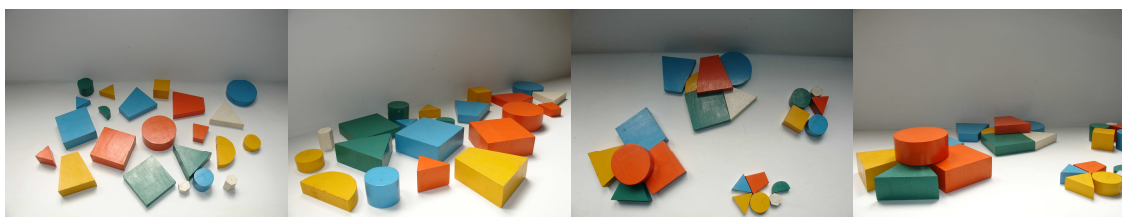


Descrição: O aparelho tem por objetivo avaliar o tempo de reação frente a estímulos sonoros e luminosos. Trata-se de um modelo TR-12, do Laboratório de Psicologia de Milão. O aparelho é formado por um contador, que registra as respostas e o tempo, um cilindro que transfere as respostas para o papel e uma caixa com uma lâmpada e um botão para ser acionado frente aos estímulos. **Dimensões:** 22,5Kg **Peso:** 52 x 27,5 x 22 cm (cilindro de registro); 21 x 23 x 15 cm (emissor dos estímulos); 30 x 24 x 20 cm (Contador)

Não temos informações quanto aos procedimentos, instruções de aplicação e avaliação desse aparelho.

Teste de Hanfmann-Kasanin

Imagens:



Descrições: Consta no manual de aplicação de Pe. João Modesti, que esse aparelho baseia-se no conceito do “Pensar Conceptual” de Vigotsky e tem por objetivo medir a flexibilidade à persistência, à rigidez e à fluidez. Trata-se de 22 blocos de madeira, diferentes pela cor, pela forma, pela superfície e pela espessura. **Dimensões:** 40 x 30 x 8 cm **Peso:** 2,5Kg

Procedimento / Instrução: Cada um dos blocos, ou peças de madeira, possuía em sua base, (debaixo) três letras referentes ao grupo a que pertenciam. As letras faziam referência aos seguintes grupos: MUR – peças pequenas e de grande espessura; CEV – peças pequenas e de pequena espessura; LAG – peças grandes e de grande espessura; BIK – peças grandes e de pequena espessura. A tarefa do examinando era classificar os 22 blocos em quatro grupos. A única combinação que permitia essa divisão tinha por critérios o tamanho e a espessura. Ao iniciar o teste, as peças deviam estar misturadas com as identificações dos grupos para baixo.

O examinador instruía o examinando afirmando que ali existiam quatro grupos e cada um deles era nomeado de uma forma, exemplificando mostrando as letras existentes debaixo de um dos blocos. O sujeito era convidado a separar os blocos em quatro grupos e evidentemente não olhar as letras debaixo das peças. Caso o sujeito perguntasse sobre a quantidade de blocos em cada grupo era informado de que não necessitaria ser a mesma.

Durante a prova o examinador poderia corrigir até três erros por categoria, apenas mostrando o erro e informando que o restante poderia estar certo ou não. Cada vez que o examinador corrigisse a prova deveria desvirar a peça de forma que as letras ficassem visíveis.

Depois de cinco minutos o examinador era orientado a interromper a prova. No final da prova o indivíduo era instruído a repetir a prova, com o objetivo do examinador se certificar de que o sujeito compreendeu sua solução.

Avaliação: Para a avaliação o examinador devia considerar três níveis de pensamento: primitivo, para indivíduos que não possuem o pensar concreto; intermediário, para indivíduos que apresentam algum elemento de pensar concreto; e conceitual, para indivíduos que a tarefa é executada a partir do pensar conceptual. As respostas dadas pelos sujeitos eram analisadas e pontuadas conforme a tabela abaixo:

Aspectos a serem avaliados		Respostas do sujeito	Pontos
Interpretação do Problema	Maneira de atuar	Realiza a prova com lógica	3
		Realiza a prova com alguma lógica	2
		Realiza a prova ao acaso	1
	Maneira de identificação dos grupos	Caso o nome tenha servido para indicar as duas qualidades	3
		Caso o nome tenha servido para indicar uma qualidade	2
		Caso o nome não tenha significado nada	1
	Maneira de correção	Se a correção serviu de base para a solução	3
		Se a correção serviu em partes para a solução	2
		Se a correção não ajudou de nada	1
	Maneira do agrupamento	Cria uma base para se formarem quatro grupos	3
		Apenas se lembra que são quatro grupos	2
		Caso nem se lembre disso	1
Tentativa para achar a solução		Caso tenha formado os quatro grupos	12
		Caso tenha havido bastante aproximação na divisão dos grupos	8
		Caso tenha formado grupos indefinidos	4
Encontro da solução correta	Maneira como encontrou a solução	Caso tenha compreendido a solução	3
		Caso a compreensão tenha sido imperfeita	2
		Caso a solução tenha sido mecânica	1
	Maneira de formular o princípio do agrupamento	Caso as medidas tenham sido bem combinadas	3
		Caso as medidas tenham sido bem compreendidas, mas não bem combinadas	2
		Caso não tenha havido nenhum critério no agrupamento das medidas	1
	Maneira de ver as duas medidas fundamentais	Caso o indivíduo tenha percebido as duas medidas como base para a solução	3
		Caso o indivíduo perceba as duas medidas, mas não tenha conseguido combiná-las	2
		Caso o indivíduo não tenha conseguido perceber nem combinar as medidas	1

Ao repetir a prova, instruído pelo examinador: se o sujeito agrupa as peças com convicção e da forma correta ele recebe 3 pontos; se vacila ao dividir os grupos, recebe 2 pontos; caso não consiga repetir a divisão dos grupos, recebe 1 ponto.

Resultado:

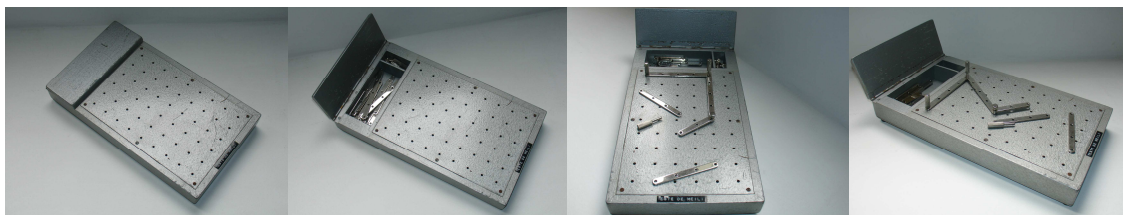
classificação	pontos
Sujeito normal ou de educação superior	31,9
Sujeito normal, mas de educação média	24,8
Esquizofrênico de educação superior	24,4
Esquizofrênico de educação mediana	19,9
Pacientes com enfermidades cerebrais irreversíveis	17,4

Diagnóstico caracterológico: Esse teste revelava indicadores de flexibilidade quanto a persistência, a rigidez e a fluidez. Entendia a persistência como a capacidade de armazenar conceitos já formados e utilizá-los em outras possíveis situações; rigidez como a incapacidade de abandonar uma idéia já formada; e fluidez como a não estabilidade e firmeza de idéias.

A rigidez extrema poderia indicar sujeitos muito deprimidos e a fluidez esquizofrenia. O teste também indicava pensamentos compulsivos, quando o sujeito media os blocos e não alcançava a satisfação; pensamentos depressivos quando o sujeito não conseguia pensar e mover os blocos, a falta de tentativas e autodepreciação; insegurança e angústia quando o sujeito apresentava movimentos inseguros ao mover os blocos e lamentava ter errado ou não conseguido realizar a tarefa.

Teste de Meili

Imagens:

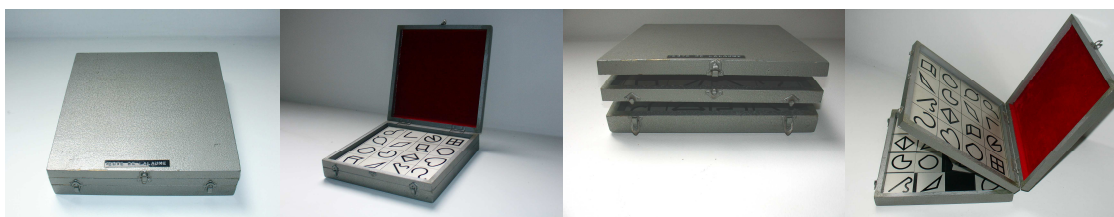


Descrição: O aparelho tem por objetivo investigar a capacidade teórico-prático e possui relação com os testes de inteligência e de habilidade manual. Trata-se de uma caixa de madeira com placas de metal que podem ser ligadas por meio de pinos também de metal e articuladas de modo a configurarem formas geométricas. **Dimensões:** 22 x 39 x 7 cm **Peso:** 4Kg

Não temos informações quanto aos procedimentos, instruções de aplicação e avaliação desse aparelho.

Teste de Memória Sensorial de Lalaume

Imagens:



Descrição: O teste de Memória Sensorial de Lalaume tem o objetivo de verificar a memória visual e alguns fatores temperamentais caractereológicos, mentais e práticos. Trata-se de uma simples caixa de madeira contendo duas tabuletas da mesma dimensão, das quais uma, que é o modelo para o teste, é dividida em dezesseis partes nas quais são desenhadas figuras não significativas de aspectos geométricos. A outra tabuleta é subdividida simplesmente em dezesseis partes iguais às da outra, mas sem figuras. Há, portanto dezesseis plaquetas de metais de dimensões iguais àquelas desenhadas sobre a tabuleta modelo. **Dimensões:** 0,23 x 0,23 x 0,06 cm

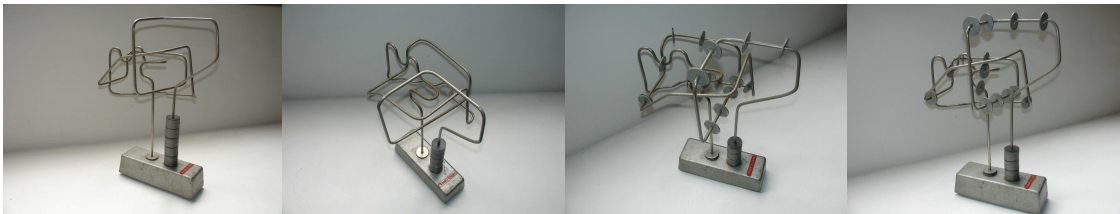
Peso: 2Kg

Procedimentos / Instrução: O sujeito deve ser colocado em posição cômoda. O examinador apresenta a tabuleta somente para que o sujeito compreenda do que se trata e dá as orientações para a execução da prova. Comunica que ele terá um minuto para observar as figuras da tabuleta e logo depois deverá colocar, em uma outra tabuleta com o mesmo número de casas da tabuleta inicial, as placas com figuras semelhantes nas suas respectivas partes e na mesma posição em que as viu, tentando reproduzir a imagem que observou. O tempo que o sujeito levar para concluir a tarefa será registrado. O teste se aplica por duas vezes consecutivas. A segunda prova se processa de maneira idêntica à primeira.

Avaliação: Ao final do trabalho colocam-se, de um lado, as plaquetas colocadas na posição certa e bem orientadas, e, do outro lado, as plaquetas colocadas na posição certa, porém mal orientadas. Contam-se as plaquetas. O total dos últimos se divide por dois, contando um ponto para cada duas plaquetas. O resultado se refere à porcentagem.

Teste de Souricière Dexterímetro de Moede

Imagens:



Descrição: O Teste de Souricière é um teste que tem por objetivo medir a habilidade das mãos e o “comportamento motórico”. Trata-se de uma base de metal e um fio de ferro torcido, no qual estão colocadas 50 rodela metálicas. Podem ser encontrados também Dexterímetros de Moede com 20 rodela.

Dimensões: 0,27 x 0,29 x 0,85 cm **Peso:** 5Kg

Procedimentos / Instrução: Pede-se que o sujeito passe as rodela, uma a uma, para a outra ponta do ferro, com uma só mão e agindo com a maior rapidez possível. Entendida a instrução, inicia-se a tarefa e marca-se o tempo de execução. Quando acabado o transporte para um lado, ordena-se a volta ao primitivo lugar e marca-se novamente o tempo.

Avaliação:

A **Medida da destreza manual** do sujeito é igual ao tempo dedicado à realização da tarefa.

A **Medida da coordenação motórica** é calculada a partir da comparação do tempo de levar as rodela com o tempo de voltar com as mesmas.

- **Coordenação boa:** Quando o tempo para levar as rodela for igual ao tempo de voltar.
- **Coordenação muito boa:** Quando o tempo de levar as rodela for maior que o de voltar.
- **Coordenação defeituosa:** Quando o tempo de levar as rodela for menor que o de voltar.

Quanto ao estudo do caráter:

- **Elemento da atividade:** Caso o desempenho do sujeito gere um gráfico ascendente e cada vez mais aproximado.
- **Nenhum elemento:** Caso o desempenho resulte em um gráfico horizontal.
- **Predominância da emotividade:** Caso o gráfico gerado pelo desempenho do sujeito se apresente irregular.

O **índice de aprendizagem** (educabilidade) é quando a diferença entre o tempo de passagem das 10 primeiras rodela e as das 10 últimas (quando usadas 50 rodela) for igual a 1 minuto e 63 segundos.

Tremômetro

Imagens:



Descrição: O aparelho Tremômetro tem por objetivo medir a firmeza e a segurança das mãos no cumprir determinados movimentos ou no manter determinadas posições. Simultaneamente se podem obter reações interessantes para um perfil caractereológico. Trata-se de uma caixa de metal com uma chapa vazada com diferentes linhas e pontos de diferentes tamanhos, um estilete de metal, um contador acoplado. Este aparelho provoca um som ou uma luz quando o estilete encosta na placa de metal. **Dimensões:** 0,18 x 0,50 x 0,30 cm **Peso:** 4,5kg

Procedimentos / Instrução: Antes de iniciar a prova o examinador deve assegurar-se de que o sujeito vê bem e que não tenha realizado nenhum teste de habilidade manual de certa dificuldade antes de executar a tarefa. O sujeito não deve ser colocado contra a luz e deve estar de pé em posição cômoda na frente do aparelho. Entrega-se o estilete ao indivíduo e pede-se que ele o segure da forma como segura uma caneta e, sem apoiar o braço no aparelho ou no corpo, enfie o estilete nos furos da chapa de metal, iniciando pelo de maior raio, até o fundo, e retire-o sem encostar na placa. Quando o examinador percebe que o sujeito compreendeu a instrução, liga-se a “cigarra” e dá-se ordem para começar. No caso de um sujeito emotivo, é bom introduzir o sinal óptico, de modo que só o experimentador possa notar diretamente o erro do sujeito. Quando o sujeito toca as bordas dos furos, o examinador deve fazê-lo recomeçar a prova. Depois de um breve descanso, o examinador dá a instrução para a segunda parte do exercício. Pede-se para o sujeito percorrer com a ponta do estilete o canal horizontal do início ao fim e o canal de forma sinuosa sem tocar nas bordas metálicas da placa. Antes de iniciar, liga-se o contador de erros.

Avaliação: Não há dados referentes a esse campo.

ANEXO 2

Questionário para visitantes da exposição
História da Psicologia no Brasil: Instrumentos de Avaliação Psicológica dos anos 1950

1 - Nome: _____ 2 - Idade: _____

3 - Matriculado no período: _____

4 - Áreas de interesse na Psicologia (coloque 3 na ordem): _____

5 - Você veio para o Seminário sobre História da Psicologia. O que você esperava encontrar? _____

6 - O que achou da Exposição: _____

7- O que mais você gostaria de conhecer sobre o material exposto? _____

8 - Os aparelhos expostos mediam inteligência e eram usados para avaliar pessoas (adultos e crianças). O que você diria sobre isso? _____

ANEXO 3

Exposição

História da Psicologia no Brasil: Instrumentos de Avaliação psicológica dos anos 1950

Os aparelhos que compõem a exposição fazem parte hoje do Acervo do NEHPSI – Núcleo de Estudos em História da Psicologia da PUC-SP.

Seu achado resulta da pesquisa de doutorado de Iolanda Brandão sobre “Os Salesianos na Psicologia Brasileira” no Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Social dessa Universidade.

Foram doados por um de seus entrevistados, Pe. João Modesti, de Araras, salesiano que os trouxe da Itália no início dos anos 1950 e que trabalhou, à época, primeiro na Faculdade Salesiana de Filosofia, Ciências e Letras de Lorena e depois na de Americana.

Eram usados em laboratório, para ensino de técnicas de observação e interpretação de testes a estudantes de pedagogia e em cursos de especialização para profissionais das áreas de Educação e Psicologia do Trabalho. Eram também usados em psicotécnica, para seleção e orientação de motoristas e trabalhadores nas indústrias que se instalavam no Vale do Paraíba e, posteriormente, na região de Americana.

A PSICOLOGIA NO BRASIL – ANOS 1950

Nesse período ocorreram transformações significativas na sociedade brasileira. O modelo político-econômico adotado sustentava-se no processo de substituição de importações, buscando inserir o país entre as nações industrializadas, por meio de uma política de intervenção do Estado na economia. A Psicologia, sobretudo por meio de suas técnicas, foi chamada a contribuir com o novo modelo, tendo papel destacado na aplicação de seus conhecimentos ao processo de organização do trabalho; destaque deve ser dado aos procedimentos de seleção e formação de trabalhadores, para os quais a Orientação Profissional teve função de relevância. Não por acaso, nesse período muitas realizações de Psicologia foram demandadas e financiadas pelo Estado ou a ele articuladas. Percebe-se, pois, que o desenvolvimento da Psicologia, nesse momento, também teve uma relação de determinação recíproca com interesses dominantes, embora as contradições se fizessem presentes, inclusive em ações eminentemente educacionais, muitas das quais comprometidas com a construção de uma sociedade mais democrática, igualitária e solidária. (ANTUNES, M.A.M. “Psicologia e Educação no Brasil: um olhar crítico”. In: *Psicologia Escolar: teorias críticas*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003).

Da pesquisa de autores como Isaías Pessotti (1988) e Mitsuko Antunes (1998), a partir de algumas características tomadas como um todo coerente, pode-se pensar, como periodização para uma História das Idéias Psicológicas e da Psicologia no Brasil, os seguintes períodos: 1. Pré-institucional; 2. Institucional; 3. de Autonomização; 4. de Consolidação e 5. Período profissional. Antunes chega a dizer que, dadas as transformações ocorridas no âmbito da ciência e da profissão, é possível afirmar que estejamos já num novo período histórico, caracterizado pela extensão da Psicologia a um espectro mais amplo da vida social brasileira, marcado pelo gradativo compromisso social.

Os anos 1950 correspondem ao final do período de consolidação (ou “pré-profissional”, como prefere Antunes), caracterizado pela consolidação da Psicologia no país por meio da efetivação e desenvolvimento do ensino, da produção de estudos e pesquisas e dos campos de aplicação, assim como o incremento da publicação de obras na área, criação dos primeiros periódicos especializados, promoção de congressos e encontros científicos e criação de associações profissionais; período este que vai dos anos 1930 a 1962.

No que se refere às modalidades de intervenção da Psicologia, a Educação continuou sendo o campo no qual havia uma maior quantidade de produção, mantendo a tendência já verificada no período anterior. Isso é maximizado pelo fato de que muitas produções consideradas como pertinentes ao campo da Psicologia Aplicada ao Trabalho guardavam estreita relação com a Educação, sobretudo aquelas relacionadas à Orientação Profissional, geralmente tratadas no âmbito da Orientação Educacional, tendo esta última sua base teórica na Psicologia, assim como são desta as técnicas de que se valem, em especial a Psicometria. (Antunes, 2003, ob. cit.)

A Psicometria Hoje

Muitas idéias consideradas contemporâneas e inovadoras já eram defendidas há cerca de 50 anos atrás, no Brasil, e por brasileiros; dentre estas, a defesa da educação inclusiva para as pessoas com deficiência; a necessidade de formação continuada na formação de professores; a crítica aos testes psicológicos como instrumentos de medida de determinadas funções específicas, desconsiderando as determinações de natureza sócio-econômico-cultural sobre o sujeito.

Antunes, M. A. M. "Psicologia e Educação em periódicos anteriores a 1962. In Psicologia Escolar e Educacional, v.6, n.2, jul/dez 2002.

Há temas tratados nos periódicos de Psicologia, entre as décadas de 1940 a 1960, marcados pela originalidade e que são ainda atuais, assim como existem outros assuntos e abordagens que foram próprios da época e que são hoje considerados ultrapassados. Revela-se uma certa dicotomia entre autores/instituições produtores de pesquisa, de um lado, e aqueles voltados para a aplicação de outro. A Psicometria, entretanto, servia aos dois grupos: era matéria de ensino e linha de pesquisa, mas era também área de aplicação. E é ainda matéria bastante atual, como se vê buscando pelo sistema google: em 0,13 segundos, aproximadamente 150.000 respostas podiam ser obtidas no dia 28 de outubro de 2008.

A Psicometria hoje é matéria de ensino em muitas universidades em todo o mundo; é linha de pesquisa, com laboratórios específicos, na Colômbia, na Itália, na Espanha, para citar apenas alguns países; é matéria de teses recentes, defendidas em diversas instituições brasileiras; é nome de um *site* na internet e título de livros publicados no Brasil e no exterior, bem como de livros que podem ser lidos diretamente na internet; é também instrumento básico para Psiquiatria clínica (como informa a divulgação de um livro recente em sua 2ª edição), além de atender a profissionais e serviços interessados em segurança no trabalho, por exemplo. É só conferir, são 150 mil respostas...

A CRÍTICA À PSICOMETRIA

Um dos principais aspectos do determinismo biológico é a tese de que o valor dos indivíduos e dos grupos sociais pode ser determinado através da medida da inteligência como quantidade isolada. Esta tese se apoia em dados provenientes de duas fontes principais: a craniometria (ou medida do crânio) e certos tipos de testes psicológicos.

Gould, S.J. *A falsa medida do homem*. SPaulo: Martins Fontes, 1991, p.4.

Como o determinismo biológico é de evidente utilidade para os grupos detentores do poder seria lícito suspeitar que, apesar das negativas, ele também se origina de um contexto político.

Gould, ob. cit., p. 5.

Embora os preconceitos sociais possam ser difíceis de erradicar, pelo menos é possível dismantelar as bases biológicas sobre as quais se apóiam.

Gould, ob. cit., p.344.

Em seu livro *A falsa medida do homem*, Stephen Jay Gould se refere em especial a testes de inteligência que supõem o QI (quociente de inteligência) hereditário, atribuindo rótulos e impondo limites, além da reificação da inteligência pelo uso dos testes estatísticos, em especial a análise fatorial. O sumário de seus capítulos 5 e 6 (veja no verso) mostra bem a análise realizada por Gould “como uma nota de advertência à ciência [experimental], não como lúgubre epitáfio para uma nobre esperança sacrificada sobre o altar das limitações humanas” (p. 5):

A ciência, uma vez que deve ser executada por seres humanos, é uma atividade de cunho social. Seu progresso se faz por meio de pressentimento, da visão e da intuição. Boa parte das transformações que sofre ao longo do tempo não corresponde a uma aproximação da verdade... mas a uma alteração das circunstâncias culturais, que tanta influência exercem sobre ela.

Gould, ob. cit., pp.5-6)

ANEXO 4

Teste de Hanfmann-Kasanin

Separe as peças em quatro grupos. Não é necessário que os grupos tenham o mesmo número de peças.

Caixa de Decroly

A tarefa é abrir a caixa, depois de observá-la por até 3 minutos. Ao concluir a tarefa feche a caixa para ter certeza de que não contou com a sorte para abri-la.

Arco de Christiaens

Retire o bloco central do arco sem que os outros caiam. Para isso, utilize os pedaços de madeira que estão disponíveis da maneira que lhe convier.

Bloco de Wiggly

Observe o Bloco montado por 30 segundos. Feito isso, desmonte as peças e monte o Bloco o mais rápido possível.

Memória sensorial de Lalaume

Você tem um minuto para observar as figuras na caixa. Feito isso, erga a parte de cima da caixa e reproduza o que observou, colocando as placas na ordem e posição do modelo. Você tem duas tentativas para realizar a tarefa.

ANEXO 5

Referências dos textos que acompanham a exposição

HOBBSAWN, E. O sentido do passado. In: Sobre a História. São Paulo: Cia das Letras, 1998. P. 22-35

PESSOTTI, Isaías. Entre o fascínio do passado e o enigma do futuro. Margem, Faculdade de Ciências Sociais PUC-SP, nº 5, São Paulo, EDUC, 1992. p.69-79.

Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação – Universidade de Porto. Laboratório de Psicologia Experimental.

CATTELL, James Mckeen. The Psychological Laboratory, 1898.

ABBOTT, Albert H. Experimental Psychology and the Laboratory in Toronto. In: Classics in the History of Psychology. 1900. p.85-89., 106-112.

CATTELL, James Mckeen. The Psychological Laboratory at Leipsic. 1888.

FERREIRA, Arthur Arruda Leal. O lugar da psicofísica de Gustavo Fechner na história da Psicologia. Memorandum, 5 2003, 86 – 93. Retirado em 10/05/2006, do World Wide Web: http://www.fafich.ufmg.br/~memorandum/artigo_05/ferreira_01.htm.

BOMFIM, E.M. e ALBERGARIA, M.T.A. Origem e relevância de um laboratório de psicologia no Brasil na década de 1950. Memorandum, 7, 2004, 151-164. Retirado em 10/05/2006, do World Wide Web: http://www.fafich.ufmg.br/~memorandum/artigo_07/bomfalberg_01.htm.

GOMES, William B. Museu Psi: Pesquisa e Prática em Psicologia no Brasil. 2003.

Resultado de pesquisa realizada no scielo em 29/10/2008. Palavra Psicometria.